Aveiro, 30 de Janeiro de 1965 • Ano XI • N.º 534

Litoral

SEMANÁRIO

DIRECTOR E EDITOR — DAVID CRISTO ★ ADMINISTRADOR — ALFREDO DA COSTA SANTOS
PROPRIETÁRIOS — DAVID CRISTO E FRANCISCO SANTOS ★ REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO
COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO: EM «A LUSITÂNIA», R. DE HOMEM CRISTO — TEL 25886 — AVEIRO

Na morte de CHURCHILL

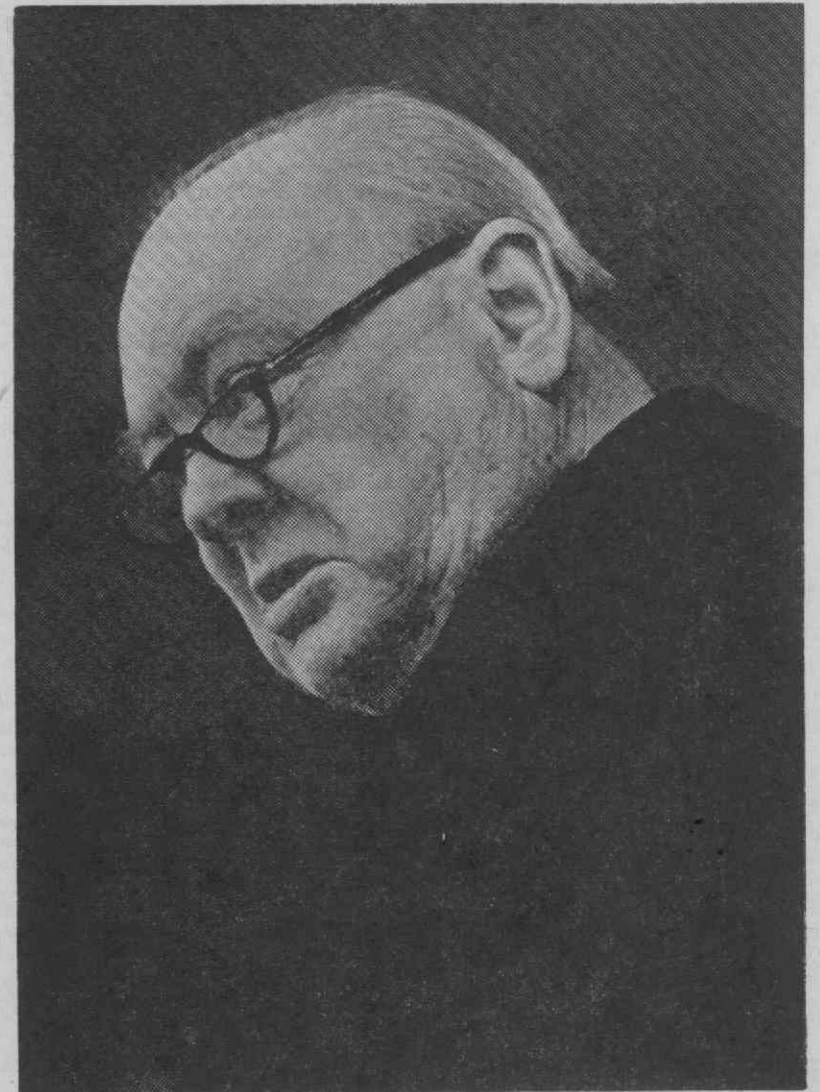
DURANTE a sua longa vida, Sir Winston Churchill teve mais oportunidades de estudar e conhecer a vida, os homens e a política do que qualquer outro estadista. Foi militar, jornalista, correspondente de guerra, escritor, artista, historiador, político, ministro e Presidente do Conselho de Ministros. Durante a sua carreira política obteve triunfos mas sofreu derrotas, mas nem uns nem outros afectaram a sua vida particular. As derrotas nunca o azedaram; os triunfos não o transformaram; os anos foram passando e alargando em profundidade e em extensão os seus conhecimentos e capacidade de compreensão, sem roubar nada ao vigor da sua inteligência, à clareza do seu pensamento, ao seu formidável domínio no campo do debate nem à arte incomparável com que manejava a língua inglesa.

Winston Leonard Spencer Churchill nasceu em 1874 no seio duma família que se distinguiu na política e na guerra. Filho de Lord Randolph Churchill (por sua vez filho do 7.º Duque de Marlborough e notável político) teve por antepassado o famoso «Marlborough», sem dúvida o General mais brilhante do seu século. Da família da mãe herdou Winston Churchill o seu grande interesse pelas relações Anglo-Americanas, pois que Lady Randolph Churchill era uma das «Irmãs Jerome» famosas pela beleza e filhas de Leonard Jerome o célebre proprietário e Director do New York Times.

Foi educado em Harrow onde, segundo disse, aprendeu pouco mais do que nada, a não ser escrever bem inglês. Entrou para a Escola Militar de Sandhurst como cadete de Cavalaria, ficando em número 8 num curso de 150 alunos (1894). Entrou ao serviço no Quarto Regimento de Hussars, em 1895, e como oficial subalterno deste Regimento tomou parte nalgumas acções em várias partes do mundo, distinguindo-se na fronteira do Noroeste da Índia e no Sudão onde tomou parte na gloriosa carga de Cavalaria de Omdurman contra os derviches mádistas, em 1898.

Durante esses anos escrevia para os jornais sobre as campanhas em que tomava parte. Publicou então dois livros de guerra («The Story of the Malakand Field Force» e «The River War») iniciando assim o seu renome como escritor. Quando a campanha do Sudão terminou, decidiu abandonar a vida militar e consagrar-se à política, ao jornalismo e à literatura. Nessa ordem de ideias, pediu a demissão de Oficial em 1899 e concorreu às eleições parciais pelo círculo de Oldham na qualidade de candidato do Partido Conservador. A eleição foi àsperamente disputada e Churchill foi derrotado.

J. Lockhart, no seu livro «Winston Churchill» diz a propósito deste episódio: «Churchill, que ainda não tinha 25 anos, mostrou-se imbatível pelo fracasso. «Creio bem que não será esta a última vez que o mundo ouvirá falar de nós» disse ele a Runciman, seu adversário vitorioso». Poucos dias depois rebentava a Guerra dos Boers e Winston Churchill não tardava a embarcar para a Africa como correspondente do «Morning Post».

Seguiu-se um ano fértil em aventuras. Churchill foi aprisionado pelos Boers quando tentava salvar o que restava dum combóio blindado no qual ele seguia para a frente de batalha e que descarrilara.

Depois de uma fuga audaciosa, do campo de prisioneiros em que se encontrava, conseguiu voltar às linhas britânicas e alistou-se como tenente da Cavalaria Ligeira, vindo a entrar com o seu Regimento vitorioso em Pretória em 1900. Convencido de que a Guerra acabara, voltou a Inglaterra para concorrer às Eleições Gerais de 1900, conseguindo ser eleito pelo círculo eleitoral onde fora derrotado no ano anterior. Durante quatro anos teve o seu lugar no Parlamento como Deputado Conservador. Tinha começado a sua carreira parlamentar.

Esses quatro anos não foram, porém, pacíficos, pois embora Churchill apoiasse a política externa dos Conservadores, nem sempre concordava com a política interna do Partido. Chegou assim o momento em que se deu uma cisão no Partido Conservador devida a diferença de pontos de vista sobre a reforma das tarifas aduaneiras. Churchill aderiu ao Partido Liberal e concorreu às Eleições Gerais de 1906 pelo círculo eleitoral de Manchester (Noroeste) como candidato liberal. Este Partido obteve uma vitória retumbante nessas eleições e Churchill apoiou calorosamente o vasto programa de reformas sociais que caracterizou a política liberal na década anterior à Primeira Grande Guerra. Foi ele o animador da reforma prisional; foi um dos deputados que mais responsabilidades tiveram na organização das Bolsas de Trabalho (Labour Exchanges) que actualmente existem na Grã-Bretanha; foi o responsável pela Lei que criou o «Board of Trad» e pela organização dos Tribunais de Conciliação Industrial e, em 1908, pela Lei das 8 horas de trabalho nas minas e por ter apresentado e defendido no Parlamento as medidas de segurança relativas ao trabalho nas minas.

No entanto, a sua atenção não estava apenas voltada para as reformas nacionais. Em 1906 fez, pela primeira vez, parte do Ministério como Subsecretário das Colónias, pondo em prática, nesse cargo, as linhas de conduta que ele traçou e registou na sua auto-

Continua na página 2

CRISTO NA ARTE

Considerações de
MÁRIO DA ROCHA

Bilhete devaluida?

AO contactarmos, mesmo indirectamente, com o Mundo do Oriente, somos levados a afirmar que não foi lá que o Homem nasceu! Lá, Deus *laqueava* o homem... Por sobre o pitoresco, formal e de conteúdo, dos mosaicos da terceira idade de ouro bizantina, de Kharié-Djami, por exemplo, sempre se há-de erguer a cúpla esplendente de Santa Sofia-santuário onde um Cristo hierático reina na solidão da sua glória.

Em páginas de desassombrada análise de mago perscrutador da *Voix du Silence*, Malraux, (sim, o actual ministro da Cultura em França), atreveu-se a escrever que, «no século XI, o império de Carlos Magno mudou de civilização, e a Cristandade mudou talvez de Cristo».

«Todo o Deus do Oriente arde na sombra como uma chama eterna num túmulo. O seu reino na terra não é o reino da terra, mas a cripta solene que o protege contra a criação», escreveu ele a páginas 48 do seu *Le Monde Chrêtien*. Com efeito, para Bizâncio, um Cristo não sagrado seria um Cristo sacrílego...

Compare-se, com efeito, uma Virgem negra com uma Virgem bizantina, o Beato Cristo de Perpignan com o Cristo mais humano de Constantinopla: imediatamente, acrescenta Malraux, sentiremos até que ponto Bizâncio nunca teve a certeza de que Cristo houvesse sofrido como homem...

O que interessa, pois, a Malraux, nas Virgens negras, as Virgens negras de Auvergnat ou as estátuas do estilo da *Sedes Sapientiae*, não é tanto a grandeza do «corpo couraçado», mas sobretudo descobrir na face da Mãe de

Continua na página 2

Uma Obra de Misericórdia
DAR VISTA AOS CEGOS

ARTIGO DE ALVES MORGADO

DAR de comer a quem tem fome... Vestir os nus... Visitar os enfermos e encarcerados... São catorze as obras de misericórdia, segundo o catecismo católico: sete corporais e sete eepirituais. A's sete primeiras podemos juntar agora mais uma, gerada num mundo acusado frequentemente de egoísmo e materialismo sem freio: dar vista aos cegos.

Há muito que lá fora — em países que caminham na vanguarda da civilização — se pratica esta décima quinta obra de misericórdia. Entre nós, opunha-se à sua adopção um culto necrófilo exarcebado e injustificável, além de impedimentos de natureza religiosa. Datam de 1950 as primeiras diligências para a criação em Portugal de um Banco de Olhos, à semelhança dos que existem no estrangeiro. Mas as resistências encontradas eram muito fortes. Um sentimentalismo piegas e absoleto revoltava-se contra as enxertias cadavéricas. As autoridades eclesiásticas, depois do Santo Padre se ter pronunciado a favor das novas técnicas terapêuticas destinadas a dar vista aos cegos, concorreram poderosamente para modificar o ambiente de desconfiança e hostilidade que sufocava o humaníssimo projecto de criação do Banco de Olhos. Bem vistas as coisas, como disse o sr. Dr. Cavaleiro de Ferreira no acto inaugural do nosso primeiro Banco de Olhos, a enxertia cadavérica não pode colidir com os sentimentos religiosos e é, pelo contrário, uma forma cristã de auxiliar o próximo.

Ao cabo de quinze anos de luta contra a rotina e a incompreensão, Portugal tem finalmente o seu primeiro Banco de Olhos. Nasceu no dia 9 de Janeiro de 1965 e ficou a funcionar, sob a direcção do sr. Dr. Cavaleiro de Ferreira, no Serviço de Oftalmo-

Continua na página 2

AVEIRO do FUTURO

Sobre a recente apreciação, pelo Conselho Municipal, do *Plano Director da Cidade*, e sobre a deliberação de homenagear o Presidente do Município, prometemos, no último número, dar daqueles acontecimentos a desenvolvida notícia a que a sua incontestável importância obriga. Mais eloquentes, porém, do que seriam as nossas palavras, são as da acta da sessão do Conselho Municipal de 12 do corrente e a expressiva carta que o ilustre titular da pasta das Obras Públicas endereçou ao Presidente da Câmara de Aveiro. Por isso, preferimos transcrever na íntegra — o que fazemos noutro lugar deste jornal — aqueles dois importantíssimo documentos.

Na morte de Churchill

Continuação da primeira página

biografia: «Na guerra: Decisão; na derrota: Altivez; na vitória: Magnanimidade; na paz: Boa-vontade». Treze anos depois, a seguir à Primeira Grande Guerra, foi ele o principal responsável por dois importantes Tratados de Paz — um no Médio Oriente, outro na Irlanda — mas o maior dos seus triunfos como negociador de paz foi dar à África do Sul a autonomia governativa logo a seguir ao Tratado de Paz que terminou a Guerra dos Boers. No Parlamento, Lord Balfour referiu-se a esse facto como sendo «um dos acontecimentos mais importantes na História do Império».

Churchill começava a desempenhar um papel de importância capital na política britânica. Em 1908 ascendeu a Ministro do Comércio; em 1910, foi Subsecretário do Interior; em 1911, Primeiro Lord do Almirantado e continuava nessa posição quando rebentou a Primeira Grande Guerra.

Foi em grande parte devido a Churchill que a Esquadra Britânica se encontrava em condições quando a Alemanha declarou guerra, em 1914. Prevendo os acontecimentos, mandara realizar um exercício de mobilização em Julho de 1914 o que colocou a Esquadra nas suas bases de serviço activo. Logo no princípio da guerra foi a Antuérpia dirigir pessoalmente as operações navais que demoraram o avanço do inimigo salvando assim os portos do Canal da Mancha. A seguir veio a campanha de Galipoli de cujo fracasso Churchill assumiu a responsabilidade embora pudesse afirmar que o seu plano tinha sido executado imperfeitamente e tarde demais e que, se tivesse triunfado, teria encurtado a guerra pelo menos um ano. Aceitando, porém, a responsabilidade, demitiu-se do seu cargo, alistou-se no Exército e foi para a Frente-de-Batalha comandando um Regimento. Lloyd George chamou-o e confiou-lhe a pasta de Ministro das Munições. Nesse cargo, estabeleceu um programa que teria modificado a fisionomia da guerra a partir de 1919, se ela tivesse durado até lá, transformando-a numa guerra mecanizada e de movimento. Desde 1915 que Churchill defendia calorosamente o emprego dos «tanks» como arma ofensiva afirmando que a mobilidade que eles traziam aos Exércitos Aliados os dispensava de procurar a superioridade numérica.

Não há quem não reconheça agora que o «tank» foi uma das invenções decisivas da Primeira Grande Guerra e uma das armas fundamentais da Segunda.

Durante os anos que seguiram imediatamente a Primeira Guerra, Churchill foi Secretário-de-Estado para a Guerra e Aviação e Secretário-de-Estado para as Colónias mas, com a queda de Lloyd George em 1922, desapareceu da cena política. Foi derrotado em três eleições, ficando, pela primeira vez desde 1900, fora não só do Governo, mas também do Parlamento. Durante dois anos dedicou-se inteiramente à pintura (se não tivesse feito mais nada isto chegaria para lhe dar renome mundial) e à literatura. Em 1923 foram publicados os primeiros dois volumes da «Crise Mundial» (World Crisis) que a crítica saudou como contribuição valiosa para a História da Guerra.

Em 1924 voltou à política. Concorreu às Eleições como candidato conservador pelo círculo de Epping e foi eleito por uma maioria que não chegou a 10.000 votos. Entrou para o Governo como Ministro das Finanças, cargo que exerceu até à formação do Governo Trabalhista em 1929.

A terceira década deste século foi para ele de isolamento político. Não entrou para o Ministério de concentração partidária formado para resolver a grande crise económica e financeira de 1931 e, à medida que o tempo ia passando, cada vez mais ele se sentia em desacordo com as directrizes políticas do Governo, sobretudo no que dizia respeito à defesa e negócios estrangeiros da Índia. Regressou às actividades literárias e, de 1930 a 39, publicou 9 livros, o mais importante dos quais foi a biografia do seu grande antepassado, o Duque de Marlborough. Pintou muitos quadros, fez obras na sua casa de campo de Chartwell, na qual ele próprio «construiu duas moradias para caseiros, os muros da horta, cascatas e uma grande piscina». Mas esteve sempre atento aos acontecimentos europeus que lhe causavam graves apreensões.

Pronunciou vários discursos no Parlamento indicando o perigo de ignorar a ameaça que a Alemanha de então representava para a paz e o risco que a Grã-Bretanha corria por não tomar as medidas necessárias para enfrentar essa ameaça.

A este respeito a escritora americana Virginia Cowles disse no livro intitulado «Winston Churchill. A Época e o Homem». «Ao ler a História da terceira década deste século, tem-se a sensação da tragédia. Se apenas uma pequena parte dos conselhos dados por Churchill tivesse sido seguida, a catástrofe da Segunda Guerra Mundial nunca teria acontecido. O nome dele ficará na História ligado à Guerra mas a verdade é que nunca um estadista tentou mais persistentemente salvar a paz mundial».

O apoio que Sir Winston Churchill deu ao Rei Eduardo VIII por ocasião da abdicação em 1936 era o fruto da sua inalterável lealdade à Coroa e à pessoa do Soberano, mas diminuiu a influência que ele tinha no Parlamento e no país.

Quando a Áustria foi anexada e se declarou a ameaça à Checoeslováquia, quando a política de apaziguamento a todo custo que ele tinha combatido falhou visivelmente, renasceu a confiança do público na largueza de vistas de Churchill. Como disse o conhecido escritor e jornalista Wickam Steed: «Ele surgiu então como uma das supremas reservas da Nação». E foi, de facto, como suprema reserva da Nação que ele foi chamado para exercer o cargo de Primeiro Lord do Almirantado em Setembro de 1939 e que ascendeu a Primeiro Ministro na Primavera seguinte.

O historiador A. L. Rowse escreveu: «De todas as grandes figuras a quem a nação ficou a dever não só a sua segurança e tranquilidade no passado como a chefia em ocasiões de perigo — Rainha Isabel, Drake, Malborough, Pitt (Pai e Filho), Nelson — é a Churchill que fica a dever mais porque o perigo nunca foi tão grande como em 1940». Não pode haver dúvidas de que Churchill tomou posse do seu novo cargo num momento de perigo eminente não só para o seu país como para todo o mundo. De facto no próprio momento em que Churchill recebia do Rei Jorge VI a sua nomeação, os exércitos nazis marchavam na Holanda e as más notícias não paravam. Mas o novo Primeiro Ministro não perdeu a coragem: «Fui-me deitar perto das 3 da madrugada. Sentia em mim uma sensação de profundo alívio. Era como se estivesse a andar com o Destino e como se toda a minha vida passada tivesse sido apenas a preparação para este momento e para esta angústia», escreveu Churchill.

Durante os cinco anos seguintes a vida de Churchill é paralela à História. Em parte alguma do globo se deu um acontecimento com o qual ele não estivesse directamente relacionado. A seguir à queda da França, quando a Commonwealth se mantinha só na guerra contra as Potências do Eixo, ele estimulou e animou o povo britânico e tanto pela palavra como pelas acções definiu a atitude do povo perante a Nação e perante o Mundo. Três dias depois de ter tomado posse, pronunciou no Parlamento um discurso histórico característico da sua oratória baseada na franqueza e na coragem moral — «nada mais lhes posso oferecer do que sangue, sacrifício, lágrimas e suor». A política britânica será, afirmava ele à Câmara, guerrear no mar, na terra, no ar, com todo o nosso poder e com toda a força que Deus nos dispensar: guerrear contra uma tirania tão monstruosa que nunca foi ultrapassada no sujo e lamentável catálogo de crimes do homem. Se me perguntais: «Qual é o nosso objectivo?» responder-vos-ei com uma só palavra: «Vitória! Vitória a todo o custo, vitória seja qual for a distância e dureza do caminho a percorrer, seja qual for o terror, porque sem vitória não poderíamos sobreviver».

A seguir a Dunquerque repetiu o mesmo tema. O povo britânico, afirmou ele, defenderia a sua ilha natal «até passar a tempestade de guerras, de modo a sobreviver à ameaça de tirania, se necessário for durante anos, se necessário for, só». E para terminar: «Não fraquejaremos nem fracassaremos, iremos até ao fim, bater-nos-emos em França, bater-nos-emos nos mares, bater-nos-emos nos oceanos, cada vez com mais confiança e com mais força nos ares, defenderemos a nossa ilha a todo o custo, bater-nos-emos nas praias, bater-nos-emos nas pistas de aterragem, bater-nos-emos nos campos e nas ruas, bater-nos-emos nos montes: nunca nos renderemos». Para cada ocasião, Churchill encontrava a frase adequada. Depois da queda da França, exortou o povo: «preparemo-nos portanto para cumprir o nosso dever e portarmo-nos de tal forma que, venham o Império Britânico e a Comunidade de Nações Britânicas a durar um milhar de anos, ainda se diga: «Foi a sua hora mais gloriosa».

Quando a batalha da Grã-Bretanha se ganhou foi ele quem exprimiu a gratidão nacional «aos aviadores britânicos que indiferentes à superioridade numérica, infatigáveis pelo constante desafio à morte, estão a voltar a face da guerra pelos seus feitos e pela sua dedicação. Na História da guerra nunca tantos deveram tanto a tão poucos». Em Abril de 1941 depois de um Inverno durante o qual muitas cidades e portos da Grã-Bretanha tinham sofrido terríveis bombardeamentos, falando à Nação, ao microfone da BBC, Churchill afirmou: «A Nação Britânica está profundamente impressionada e comovida como nunca esteve no decurso da sua longa, movimentada e famosa História e não é lugar comum dizer-se que está pronta a vencer ou morrer... Vivemos neste momento o mais belo e heróico período da nossa História e o brilho da glória ilumina-nos a todos».

Durante mais de um ano a Grã-Bretanha e a Commonwealth combateram sòzinhas sobre a direcção de um chefe que se tornara para além das costas britânicas o símbolo vivo da vontade firme dum povo unido e decidido a não se render e a continuar a batalha pela liberdade até que os seus inimigos estivessem completamente batidos e desarmados. Chegou-se ao momento em que Hitler atacou a Rússia, e o Japão investiu contra Pearl Harbour; a Comunidade Britânica tornou-se o centro duma poderosa coligação e Churchill iniciou as suas viagens para concatenar a estratégia da Grande Aliança que ele sonhara.

Entre 1941 e 1945, atravessou o Atlântico por cinco vezes para conferenciar com o seu amigo e aliado Franklin Roosevelt, Presidente da República dos Estados Unidos da América do Norte. Na primeira dessas conferências redigiu-se a «Carta do Atlântico», esse «facho com que as democracias de língua inglesa indicam aos povos que lutam pela liberdade o caminho que conduz à paz, ao progresso humano e ao mundo livre». Deslocou-se por duas vezes a Moscovo — a primeira depois de assinar o Tratado por 25 anos entre a Grã-Bretanha e a Rússia, 1942, e a segunda em 1944.

Durante o ano de 1943, assistiu a quatro Conferências: a da «rendição incondicional» em Casablanca; a de Quebec no Canadá, durante a qual se estabeleceu o plano de invasão de França em todos os seus pormenores, que foi apresentado aos Chefes do Estado Maior Aliado; a do Cairo durante a qual Churchill travou conhecimento com Chiang-Kai-Cheque e a importante Conferência de Teerão na qual Churchill conferenciou com Roosevelt e Estaline, na primeira vez que estes três estadistas se reuniram. Em 1944, depois do desembarque das forças anglo-americanas em França, visitou por três vezes as tropas na frente de batalha da Normandia. Em Agosto foi de avião à Itália onde se encontrou com o Marechal Tito, com o primeiro Ministro da Grécia e com o Papa; em Setembro reuniu-se a segunda Conferência de Quebec onde se encontrou com Roosevelt e onde se estabeleceram as zonas de ocupação dos Aliados na Alemanha; em Novembro foi a Paris, coincidindo esta visita com o convite feito à França em nome dos Governos da Grã-Bretanha, dos Estados Unidos e da Rússia para que a França se fizesse representar na Comissão do Conselho Eu-

Continua na página 7

CRISTO NA ARTE

Continuação da primeira página

Deus uma face de camponesa visitada pelo Eterno.

«O que aparece em *Notre Dame de Bon Espoir*, sem precedentes na escultura europeia, mesmo cristã, repete-se na maioria das Majestades: é a união de um rosto vulnerável com um corpo couraçado, a união do patético com uma forma muito elaborada — *a transcendência da humildade!* Através desta face de idiota de aldeia visitada pelo Eterno — inconcebível em Bizâncio! — Deus começa a chamar os homens, dor por dor, e logo depois ofício por ofício».

Modestamente, é certo, mas a verdade é que o concurso *«A Cruz no Mundo do Trabalho»* se situa neste rumo que nasceu numa das surpreendentes *contradições* da História, em 1204...

O Ocidente nasceu contra o Oriente! E a arte românica, esquecendo o monofisismo bizantino, inclinou-se para um nestorianismo patético, mas onde afinal o homem se «humanizou» nas «faces idiotas de aldeia...», já que Cristo, finalmente, encarnou na Cristandade.

Como a arte românica é um *«cerco»* dum povo inocente a Deus, para que o Altíssimo se humanize, a fim de *um homem* não ser na Humaniadade um *bilhete* devolvido ao Criador, *«A Cruz no Mundo do Trabalho»* atreve-se a ousar pretender constituir-se um movimento original, dissidente, porventura...

E a dissidência bem poderá começar por aqui:

1) Pode-se lá admitir que um qualquer vulgar trabalhador possa fazer obra que se veja? Pois, por isso mesmo, importa acreditar que andam centelhas soterradas em calos de mãos trabalhadoras! Quantos Miguel Angelos deixados morrer nos destinos dum trolha...

2) Mas que artista não se seja por excelência — (e frise-se bem e desde já que «A Cruz no Mundo do Trabalho» não intenta ser eminentemente um concurso só de arte), *o que é urgente é que todo o homem acorde para um direito que é seu...* Pode-se lá suportar que já em pleno século XX ainda a cultura seja um privilégio de classe? Importa que todos se capacitem que o direito à cultura é, finalmente, um dos Universais Direitos do Homem.

3) E se hoje, como tanto se quer, a Arte deve estar em concurso com a Vida, pois ponha-se na rua esta ideia princípio-fim: Deus não está no céu; Ele é homem que nos pisa a sombra...

O Cristo de Chartres, (finalizemos, já agora, com Malraux) diz-nos que «Deus fez o mais humilde camponês». Pois então «A Cruz no Mundo do Trabalho», Cristo encarnado na Cristandade, nos poderá dizer que... o mais humilde camponês nos é capaz de mostrar Deus!...

Mário da Rocha

Dar vista aos Cegos

Continuação da primeira página

logia do Hospital dos Capuchos. Significa isto que os cegos com possibilidades de recuperação, por intermédio da queratoplastia, vêem as suas esperanças fortalecidas. «Com o apoio de todo o pessoal hospitalar e a colaboração dos assistentes do meu Serviço e seus substitutos — disse justamente o sr. Dr. Cavaleiro de Ferreira — tenho fé em Deus de que mais luz e mais alegria virão a usufruir alguns portugueses».

De acordo com a definição do sr. Dr. Neto de Carvalho, Ministro da Saúde, o Banco constitui um centro de colheitas, competindo-lhe a recolha, guarda e conservação dos órgãos a que se destina, e o seu fornecimento para os fins adequados. Para efeito de colheitas, a acção estende-se inicialmente apenas a estabelecimentos integrados nos Hospitais Civis de Lisboa. «Estou certo — afirmou o sr. Dr. Neto de Carvalho — de que este Banco permitirá que se obtenham os benefícios por que tantos anseiam». Fazemos nosso o voto do sr. Ministro da Saúde.

Alves Morgado

AVEIRO DO FUTURO

Cópia da Acta da Sessão Extraordinária do Conselho Municipal realizada no dia doze de Janeiro de mil novecentos e sessenta e cinco:

Aos doze dias do mês de Janeiro do ano de mil novecentos e sessenta e cinco, nesta cidade de Aveiro, edifcio dos Paços do Concelho e Sala das Reuniões da Câmara Municipal, pelas catorze horas e trinta minutos, reuniu extraordinàriamente o Conselho Municipal, convocado nos termos do artigo trigésimo do Código Administrativo, a fim de discutir e votar o Plano Director da Cidade de Aveiro.

Presidiu a esta sessão o Presidente da Câmara, senhor Engenheiro Agrónomo Henrique Álvaro Pires de Mascarenhas, secretariado pelos Vogais senhores João Nunes Ferreira Salgueiro e Jorge Pereira Campos Mourão de Mendonça Corte-Real, estando também presentes os Vogais senhores E ngenheiro Agrónomo Carlos Gamelas Gomes Teixeira, Carlos Marques Mendes, João de Pinho Brandão, Joaquim Adriano de Almeida Campos Amorim, Joaquim Maria Galante, Doutor Joaquim Ribeiro Breda, José Ferreira de Almeida, Engenheiros Agrónomos José Gamelas Júnior e Manuel Simões Pontes, e Severim Francisco Marques.

Verificando-se a presença de todos os senhores Vogais e, portanto, a maioria geral, o Senhor Presidente declarou aberta a sessão e ordenou a leitura da acta da sessão anterior, a que se procedeu.

O Senhor Presidente disse que, antes de se entrar pròpriamente na ordem dos trabalhos, porque se trata da primeira sessão deste Conselho, realizada em mil novecentos e sessenta e cinco e, portanto por haver terminado o primeiro ano em que este Conselho exerceu a sua actividade, supervisando a acção da Câmara Municipal, não queria deixar de, em seu nome e no da Câmara dirigir a todos os senhores Vogais os seus melhores agradecimentos pela colaboração prestada à administração municipal pela forma como o Conselho, durante as sessões para que foi convocado no ano de mil novecentos e sessenta e quatro, apreciou os assuntos que lhe foram trazidos à sua consideração, incentivando a administração.

Foi uma colaboração a todos os títulos efectiva e frutuosa que permitiu à Câmara, no ano de mil novecentos e sessenta e quatro, encontrar as bases necessárias para levar a cabo a obra de administração municipal que tem a seu cargo.

Não queria, portanto, nesta primeira sessão deixar de dar a todos uma palavra de agradecimento e formular o voto de que neste ano que agora se inicia, de mil novecentos e sessenta e cinco, a Câmara possa continuar a cumprir a sua obrigação para com o Conselho e trazer à apreciação do Conselho Municipal os elementos base necessários e indispensáveis ao desenvolvimento concelhio.

E, simultâneamente, deseja acentuar que os senhores Vogais encontrarão da parte da presidência da Câmara e de todos os seus membros uma actuação que será sempre efectivada no único sentido de conseguir os maiores benefícios possíveis para todo o Concelho de Aveiro e ainda que a actuação municipal será sempre conduzida com o único objectivo do bem comum, a ele subordinando todos os interesses particulares.

Faz votos para que, ao findar o ano de mil novecentos e sessenta e cinco o Conselho possa ter a noção de que todos os membros da Câmara Municipal se esforçaram muito lealmente por cumprir a sua obrigação na administração dos bens municipais.

Põe-se inteiramente à disposição do Conselho para tudo o que entender que ele poderá satisfazer e assegura-lhe a sua colaboração leal e a devoção total ao desempenho da função, enquanto nela se encontrar investido.

A todos deseja, quer no desempenho das suas funções oficiais, quer no das actividades privadas quer ainda no âmbito familiar que o ano de mil novecentos e sessenta e cinco lhes traga e a suas excelentissimas familias a satisfação dos desejos que cada um, no seu intimo, mais deseja.

Os senhores Vogais agradeceram as palavras proferidas pelo senhor Presidente.

Em seguida foi dado inicio aos trabalhos.

O senhor Presidente disse que a sessão que hoje foi convocada para os fins consignados no número décimo do artigo vigésimo sétimo do Código Administrativo e destina-se fundamentalmente a que o Conselho se pronuncie sobre o Plano Director da Cidade de Aveiro.

É do conhecimento de todos os membros deste Conselho que, ao assumir a presidência desta Câmara, em Julho de mil novecentos e sessenta e um, e ao fazer o inventário dos pontos essenciais sobre os quais deveria incidir a actuação da presidência da Câmara, considerou, desde logo, como ponto crucial de toda a actividade municipal, o dotar Aveiro com um Plano Director, um plano de urbanização, um plano que, realmente, pudesse constituir um elemento regulador do desenvolvimento urbanístico da cidade, crente como ainda hoje está, e cada vez mais, de que sem um elemento de conjunto, um elemento que, estudando o aglomerado habitacional, as suas características e as condições da população que o forma, pudesse estabelecer as bases indispensáveis ao futuro desenvolvimento da cidade, por forma a que ele se possa vir a processar, quer segundo a função principal que à cidade cabe, na sua determinante de capital de uma das regiões mais progressivas do nosso país, quer ainda, e este aspecto foi sempre um assunto que se revestiu da maior importância, preservando-a, garantindo-lhe a permanência daquelas características munto especiais que lhe empresta a sua situação à borda de uma laguna que constituindo um elemento natural com caracteriísticas impares lhe confere simultâneamente condições, quer panorâmicas, quer climáticas, absolutamente invejáveis.

Haveria portanto que dotar a cidade com um plano director, um elemento regularizador do seu desenvolvimento que, criando as condições necessárias ao desenvolvimento comercial, industrial e populacional da cidade preservasse simultâneamente o que ela tem de bom, na medida que situando-se numa região lagunar deve dessa laguna tirar todo o partido possível, trazendo, quer à população residente, quer àqueles que a visitam, condições que constituam no fundo, um elemento que não possa ser encontrado, realmente, em mais parte nenhuma do nosso país e da Europa.

Porque a experiência anterior tinha demonstrado que o caminho trilhado, embora na melhor das intenções, não estava dando os frutos que todos desejavamos e que a cidade impunha, a Câmara, com o consentimento do Conselho Municipal, remodelou os seus serviços técnicos e criou o Gabinete de Urbanização através do qual se propos realizar esse plano, esse elemento regularizador do desenvolvimento citadino, tendo obtido, para a sua orientação e concurco de um urbanista devidamente qualificado, cuja competência e zelo profissional eram sobejamente conhecidos. Refere-se ao Professor Robert Auzelle, o Arquitecto-urbanista consultor que a Câmara pode contratar para orientar o seu Gabinete de Urbanização.

Como resultada das medidas tomadas, foi possível a toda a população do concelho, menos de um ano depois de criado o Gabinete de Urbanização, que iniciou o seu funcionamento no dia dois de Julho de mil novecentos e sessenta e dois, foi possível, portanto, em vinte e sete de Junho de mil novecentos e sessenta e três, tomar conhecimento do resultado desse trabalho, através de uma exposição pública que a Câmara promoveu expondo os elementos que viriam a constituir o Plano Director da Cidade..

A Câmara teve o grato ensejo de verificar que após trinta dias de exposição pública desse Plano, não houve um único municipe que contra ele se pronunciasse. Antes, a Câmara encontrou registadas num livro que para esse fim foi posto à disposição do público, palavras de encorajamento e de aplauso, que tiveram como resultado imediato, incentivar a acção da Câmara e garantir-lhe que a população compreendia o esforço realizado.

Passou-se, portanto e imediatamente, à fase de elaboração do respectivo Plano definitivo introduzindo-lhe os elementos que faltavam na ocasião da exposição e completando-o ainda com as partes escritas regulamentares.

Hoje, decorridos que são três anos e meio da sua entrada para esta Câmara Municipal é com o maior prazer que ele, senhor Presidente, apresenta à consideração do Conselho Municipal e em nome da Câmara o trabalho concluido.

Trata-se de um Plano que, como todos devem ter reparado, através dos exemplares que lhe foram distribuidos, é um trabalho fundamentalmente honesto, na medida em que resultou de um inquérito aprofundado, que incidiu sobre todos os aspectos da vida citadina e que, apesar de realizado com os modestos recursos da Câmara através da reduzida equipe que constitui o Gabinete de Urbanização, não deixou de incidir minuciosamente sobre todos aqueles aspectos da vida urbana, de aglomerado, que deveriam conduzir à obtenção dos elementos necessários para sobre eles se programar em função das características do aglomerado habitacional.

Foi assim realizado um inquérito vasto, que, desde o parcelar urbano; desde o estado das construções existentes; passando pelas caracteristicas, em volume e em estado de conservação dos prédios que compõem o aglomerado habitacional; pela análise da população e a sua decomposição nas várias actividades profissionais; pela análise das percentagens de ocupação do solo, com construção, zonas livres e arruamentos; pelo inventário das indústrias localizadas dentro da cidade; pelo número de operários que em cada uma dessas indústrias trabalha; pelo local onde esses operários residem e as condições em que vão e regressam do trabalho; pela análise dos estabelecimentos escolares, quer no grau primário, secundário ou técnico; as áreas de influência desses estabelecimentos existentes; as frequências em número de alunos e habitação e ainda as condições em que essa frequência se processa; os espaços livres existentes; as zonas verdes; o equipamento citadino quer no aspecto recreativo, quer no de instalações municipais ou estatais; enfim, procurou fazer uma análise tão profunda quanto possível do aglomerado por forma a que dele se obtivesse a ideia mais correcta possível e o mais conforme com a realidade para, a partir dela, e em função das características do seu habitante e da região, então se poder começar a estabelecer os elementos de base que viriam a constituir os princípios orientadores do desenvolvimento futuro da cidade.

Quer dizer que este trabalho não foi realizado segundo o critério pessoal dos técnicos a quem foi distribuido, antes foi realizado em função dos elementos que a cidade forneceu, permitindo aplicar os conhecimentos e a capacidade profissional para, utilizando os elementos colhidos os transformar numa proposição de solução que, segundo julga, se coaduna inteiramente com as caracteriísticas da cidade e com as da região em que ela se integra.

Fez a distribuição antecipada deste trabalho como tem sido sempre sua norma, desde que entrou para esta Câmara, fornecendo os elementos com a antecedência possiível aos que sobre eles hão-de tomar posição, para que possam decidir em consciência e com conhecimento de causa.

Pediu, por outro lado, ao senhor Arquitecto Semide, o Arquitecto-urbanista da Câmara, que teve sobre os seus ombros a realização do trabalho, sob a orientação do Professor Auzelle, para estar presente nesta sessão, já que não lhe parece a ele, senhor Presidente, quer pelo volume total do trabalho, quer pela vastidão dos problemas que o mesmo aflora, que a forma mais prática seja o fazer-se uma leitura seguida deste trabalho e a sua discussão, ponto por ponto.

Julga preferível e atreve-se a sugerir aos membros do Conselho que tendo todos conhecimento do trabalho com a antecedência de alguns dias que mencionem os pontos em que pretendem ser esclarecidos mais profundamente, os pontos que possam ter para o seu espírito, qualquer solução em desacordo com o seu pensamento, a fim de que quer ele, senhor Presidente, quer o senhor Arquitecto Semide, os possam esclarecer e, portanto, ajudar a completar a sua opinião para que o Conselho se pronuncie em plena consciência.

Esta sessão é a que considera, talvez, pela natureza do trabalho que vai ser apreciado e pelos reflexos que o mesmo vįrá a ter no futuro da cidade, uma sessão de retumbância histórica no futuro da cidade de Aveiro.

De tal se aperceberam, também ontem, os membros da Câmara quando ao apreciarem o Plano e emitirem o parecer da Câmara que deverá acompanhar o Plano na sua remessa às entidades superiores, propuzeram que, dada a importância do assunto tratado, a Câmara, imediatamente após, suspendesse os trabalhos e que, nada mais se tratasse nessa reunião, por considerar que o problema era de tal maneira importante, para o futuro da cidade que não se justificava que numa reunião em que se tratou deste assunto, se abordassem quaisquer outros problemas.

Assim se fez. Até este momento, o Plano sofreu já as apreciações determinadas por lei, ou seja, a da Comissão Municipal de Higiene, a da Comissão Municipal de Arte e Arqueologia e a da Câmara Municipal.

Resta, agora, que o Conselho, como entidade suprema dos destinos do concelho de Aveiro, se pronuncie e formule o seu parecer sobre o trabalho que a Câmara se orgulha de trazer hoje à presença deste Conselho Municipal.

Põe, portanto, o Plano Director, à apreciação do Conselho Municipal.

O Vogal senhor Engenheiro Agrónomo Carlos Gamelas Gomes Teixeira pediu a palavra para dizer que se encontra numa daquelas situações, como muitas vezes sucede na vida, em que as pessoas são postas naquelas situações de grandes alegrias e grandes desgostos que os levam, nos primeiros momentos, a não saber, muito bem, como hão-de exprimir as suas reacções, os seus sentimentos. E ele, senhor Vogal,apesar de já ter recebido o belíssimo exemplar, que é o Plano Director, confessa que ainda não está suficientemente apto a poder exprimir claramente todos os sentimentos que segnifiquem da maneira mais exacta a admiração e a muita consideração que no mais intimo do seu ser sente ter que exprimir, quanto à forma como o trabalho está apresentado, pela forma como culminam estes trabalhos que se vêm já desenvolvendo, vai para mais de dois anos, numa corrida heroica, tendente a apresentar à cidade um trabalho que definitivamente trace novos horizontes ao futuro da nosso cidade de Aveiro.

Por conseguinte, em primeiro lugar, desejava dirigir ao senhor Presidente, como Presidente da Câmara e em segundo lugar, ao senhor Arquitecto Semide, como técnico mais directamente ligado ao trabalho do Plano Director e, até certo ponto, a alma do mesmo, os seus mais respeitosos cumprimentos e a expressão muito sincera, da sua admiração.

Por outro lado, tinha uns ligeiros esclarecimentos a solicitar, que dizem pròpriamente respeito a um organismo a que está ligado, que há-de ser ouvido, naturalmente, na devida altura, mas que queria, desde já, solicitar uns ligeios esclarecimentos porque certamente, são fáceis de prestar e que são: — Tirantes de ar nas pontes projectadas no Canal Central, novo cais para passageiros para as lanchas da carreira Aveiro-São Jacinto e terraplanos para a carga e descarga de mercadorias, na curva do Canal das Pirâmides, bem assim ao porto de pesca e acessos ao porto comercial.

O senhor Presidente esclareceu detalhadamente o senhor Vogal sobre estes pontos tendo, também o senhor Arquitecto Semide dado informações várias sobre o assunto.

O Vogal senhor Engenheiro Agrónomo Manuel Simões Pontes pediu a palavra para dizer: — A apreciação que hoje se está fazendo ao Plano Director da cidade de Aveiro lembrava-lhe, salvaguardadas as devidas proporções, um daqueles grandes acontecimentos nacionais em que se definem altos propósitos de renovação e de engrandecimento.

Ao ler-se o trabalho, cuidadosamente elaborado, abordando todos os aspectos que importam ao pulsar da vida da cidade, não esquecendo o ambiente histórico e tradicional, tem-se a impressão de se estar em presença de uma obra séria com uma preocupação dominante: — Investigação e análise de todos os elementos humanos, sociais e económicos do passado e do presente inerentes à vida da cidade para conjugando-os, programar a cidade nova do próximo futuro.

Ainda no uso da palavra, o Vogal Engenheiro Manuel Pontes dirigiu-se ao senhor Presidente para dizer que as palavras escritas no prefácio são bem a análise e a síntese da orientação seguida e dos altos propósitos referidos de servir as mais legitimas aspirações da cidade e testemunhou-lhe o seu mais vivo apreço, como cidadão aveirense e membro deste Conselho, pela obra realizada em tão curto espaço de tempo, que há?de ficar a atestar aos vindouros da capacidade indiscutível de grande orientador: seja-me permitido, disse ainda, envolver neste agradecimento os técnicos e demais funcionários que emprestaram não só o melhor dos seus conhecimentos mas também um extraordinário espírito de servir.

Antes de completar as suas considerações o senhor Engenheiro Manuel Pontes pediu um esclarecimento àcerca da utilização do actual acesso sul da cidade, relacionando-o com a solução prevista no Plano. Seguidamente, os senhores Presidente e Arquitecto Semide deram os esclarecimentos pedidos àcerca do problema levantado, dizendo que a Rua de Ilhavo ficará com ligação indirecta com os acessos previstos no Plano.

O Vogal senhor Corte-Real perguntou se na Avenida Doutor Lourenço Peixinho, a circulação de peões e velocipedes se faz na mesma pista de rodagem de veículos motorizados.

O senhor Arquitecto Semide disse das dificuldades existentes nessa Avenida, para se não poder fazer o que para outras vias está estudado, estando sujeito a um estudo de pormenor, para ver a melhor solução a dar a este problema.

Retomando o uso da palavra o Vogal senhor Engenheiro Pontes agradeceu ao senhor Presidente os esclarecimentos que se dignou dar-lhe e, por isso a terminar

Continua na página 4

Expressiva Carta

Ex.mo Senhor
Presidente da Câmara Municipal de Aveiro

Penhorou me muito a deliberação da digna Câmara Municipal e os termos amáveis em que V. Ex.ª se dignou comunicar-ma pelo seu ofício de 19 do corrente.

Sirvo-me deste ensejo para agradecer o oferecimento do exemplar do Plano Director da Cidade de Aveiro que V. Ex.ª quis ter a gentileza de me entregar pessoalmente há dias.

Deve constituir legítimo título de orgulho e de satisfação para a Cidade, para a digna Administração municipal e para V. Ex.ª, que a ela preside tão diligentemente, a elaboração em prazo relativamente curto de trabalho de tanta importância para o seu desenvolvimento e para o seu progresso.

A Cidade de Aveiro é a segunda do País a apresentar ao governo o seu Plano Director, elaborado, aliás, em condições exemplares quanto ao nível técnico e à apresentação do trabalho.

Tenho assim muito prazer em felicitar V. Ex.ª, a cuja iniciativa e a cuja dedicação pessoais se tem de atribuir com justiça o merecimento da tarefa levada a cabo.

Fazendo os meus melhores votos por que V. Ex.ª possa dar rápida efectivação às disposições fundamentais deste Plano Director e por que, sob tão valioso impulso, essa bela Cidade veja assim realizados os seus anseios de engrandecimento, apresento-lhe, Senhor Presidente, com os protestos da minha estima e do meu apreço muito cordiais, os meus melhores cumprimentos.

A Bem da Nação

Lisboa, 25 de Janeiro de 1965

O Ministro das Obras Públicas,

a) **Arantes e Oliveira**

Aveiro do Futuro

Continuação da terceira página

a sua apreciação do Plano Director concretizou do modo seguinte as suas considerações: — O Plano que se está hoje apreciando tem altura, é sério pelo objectivo que se propõe atingir, é exequível, não só pela consideração que houve na obtenção dos meios financeiros indispensáveis ao arranque, como pelo sentido realista e elástico — sem desrespeito pela verdade — do método de execução preconizado. Honra e dignifica a Presidência da Câmara e dota a cidade de Aveiro, que há-de através da realização do Plano marcar posição, cada vez mais destacada, pela exaltação e integração do admirável meio geo-económico-social da região. Uma obra desta envergadura não se podia furtar ás criticas dos Velhos do Restelo, talvez aqui mais a despropósito por infundamentadas e menos sérias por se fazerem à volta de interesses mesquinhos, mas que não lhe tiram, de qualquer modo, nem o mérito, nem a validade e antes define um marco histórico no progresso desta terra.

E ao mesmo tempo que dava a sua plena aprovação permitia-se sugerir que o reconhecimento do Conselho Municipal ao senhor Presidente e seus colaboradores se manifeste para além desta sessão e da forma que for julgada mais conveniente e que, dado o manifesto apoio recebido do Governo, quer na elaboração do Plano Director, quer através de substanciais meios para a sua execução, se exteriorize ao Excelentíssimo Senhor Governador Civil de Aveiro, como seu lídimo representante e portanto interessado no progresso e bem estar da população, para que ele seja o fiel intérprete junto de Suas Excelências os Ministros do Interior e das Obras Públicas deste nosso regozijo pela aprovação que hoje se irá consumar e ainda que com persistência e continuidade — como já vem sendo apanágio da administração —, se possa agora concretizar o Plano na sua maior extensão e profundidade a bem da cidade e da região em que se integra.

O Vogal senhor João de Pinho Brandão pediu a palavra para dizer que fazendo parte de um organismo da cidade, — o Grémio da Lavoura —, que pensa construir a sua sede, estando apenas dependente de acertos de localização, perguntou em que zona se situará aquela construção, dentro do Plano Director.

O senhor Presidente esclareceu que o Plano, tal qual está apresentado, é um Plano Director, um plano que traça a generalidade dos elementos base do aproveitamento do território e que será completado com planos parciais de pormenor, planos esses que então irão à minúcia da localização dos vários edifícios e das instalações públicas.

Num Plano deste âmbito nunca se poderia vir a dar a indicação precisa de que o Grémio da Lavoura ou outra qualquer instalação ficará localizado neste ou naquele ponto, quando houver de ser construido.

Definem-se sectores que condicionam a utilização do território e que serão industriais, habitacionais ou cívicos. Portanto, reparte-se e define-se a utilização geral e depois, cada um desses é trabalhado em pormenor que permitirá, então, tomar em consideração as necessidades do aglomerado quanto à reserva de espaços para a construção daqueles edifícios que são necessários à vida do aglomerado.

Para o caso concreto do Grémio da Lavoura pode dizer ao senhor Vogal que dadas as características de que reveste aquele organismo, não englobando só edifícios para escritórios mas também para armazenamento de mercadorias, a sua localização encontra-se condicionada a um dos sectores que no Plano Director está previsto em zona mista de habitação e pequena indúústria ou pròpriamente industrial.

O Vogal senhor João de Pinho Brandão agradeceu os esclarecimentos prestados pelo senhor Presidente.

Pediu, em seguida, a palavra o Vogal senhor Jorge Corte-Real. Começou por se referir às amáveis palavras que há pouco o senhor Presidente dirigira ao Conselho Municipal, ao por em destaque as deferências que sempre tinha recebido do mesmo e ao apoio que sempre tivera durante o ano findo.

Julgando interpretar o sentir dos senhores Vogais, o senhor Presidente nada tem a agradecer, pois, se é certo que este Conselho tem dado o apoio à acção desenvolvida pelo seu Presidente, é porque tem verificado que se tem procurado por, acima de todos os interesses os das populações que representam.

O senhor Presidente com aquele espírito desempoeirado que tanto o caracteriza, tem aceitado todas as intervenções dos senhores Vogais e, muitas vezes, em questões de mero pormenor, as críticas que estes entendem dever fazer, para todos tendo uma palavra ponderada de explicação, demonstrando, com esta forma de proceder, ter um enorme interesse de colaborar e não de mandar.

Durante estes longos meses de contacto com este Conselho, nunca o senhor Presidente falara de cátedra. Sempre pediu a colaboração dos senhores Vogais e estes nunca lha recusaram, porque não podem recusar a colaboração a quem sempre tem procurado exercer a sua acção em prol dos legítimos interesses das populações e actividades que por lei lhe estão confiadas.

Continuando no uso da palavra, este senhor Vogal agradeceu, em nome de todos, os amáveis cumprimentos e os desejos de um novo ano cheio de prosperidades que o senhor Presidente tivera a gentileza de dirigir aos senhores Vogais.

Interpretando o sentir de todos, retribuia com todo o prazer esses amáveis cumprimentos, desejando-lhes as maiores felicidades e tornando-as extensivas à ilustre Vereação do Municipio, a todos quantos trabalham dentro desta casa e ainda às famílias dos mesmos.

O senhor Vogal disse, em seguida, ter tido ocasião de ler todo o trabalho apresentado neste Plano Director, que considera na verdade um trabalho honesto.

E fez referências ao cuidado com que este trabalho está feito; ao arranjo da parte central da cidade; à forma como é encarado o problema do ensino; às zonas destinadas aos novos bairros residenciais; à construção de edifícios parta alugar, depois, aos pequenos industriais; à maneira como são encarados os problemas respeitantes ao comércio, à parte religiosa, ao desporto, à cultura, ao turismo, enfim, a tudo quanto interessa ao futuro desenvolvimento da cidade. E ainda à parte respeitante ao plano rodoviário, a essa cintura de entradas e saídas da cidade. Está convencido que uma vez concretizado este Plano, teremos Aveiro transformada, da cidade simples que hoje é num centro turístico com projecção fora de portas. Será mais bela, terá características próprias, será admirada pelos estrangeiros como cidade diferente de todas as restantes.

Disse ainda que este Plano, ao mesmo tempo que a todos dá a consolação de vivermos numa hora de renovação, mostra quanto é grande a nossa responsabilidade e quanto devemos lutar para que o mesmo seja levado a cabo, sem desfalecimentos, apenas tendo em mente contribuir para o progresso desta linda cidade. tornando-a num centro turístico conhecido e admirado no estrangeiro.

Assim os homens, com a ajuda de Deus, se deixem de questões mesquinhas e se convençam da grandeza e necessidade deste empreendimento e que pelo facto de parecer temerário, não desanimem perante as dificuldades e levem a bom termo, mostrando, assim, serem dignos dos nossos grandes batalhadores.

Continuando no uso da palavra, referiu-se ao Velho do Restelo, de que há pouco tinha falado o Vogal senhor Engenheiro Pontes. A história nunca fala dos fracos. Que aqueles que têm sobre os seus ombros a responsabilidade de levar para a frente o progresso da região, não desfaleçam nem se arreceiem de combater os maus ventos, que sempre os houve. Aliás a nossa terra tem uma vantagem nesse aspecto. Por ser bastante ventosa, os miasmas, assim como vêm, assim vão e, quanto mais depressa, melhor.

O Plano não tem pretensões de ser absolutamente rígido; não vem resolver os problemas de toda a gente; apenas procura ser um trabalho honesto e com vista ao progresso da nossa terra.

Chamou a atenção particular para este facto que vem focado no referido Plano. Em seguida, o senhor Vogal disse ter umas propostas a fazer ao Conselho: — Primeiro, que ficasse exarado na acta um voto de admiração deste Conselho pelo trabalho realizado em tão curto prazo de tempo sob a direcção do senhor Arquitecto Robert Auzelle e com a colabaração de uma equipa técnica constituída pelo senhor Arquitecto José Baptista Semide e pelos senhores Raul Ribeiro, desenhador-topógrafo, Armando Costa, e Alípio Melo, desenhadores, Manuel Alves Moreira, Agente Técnico de Engenharia e Bernardo Fernandes, topógrafo.

Segundo, que ficaria bem, e fá-lo com inteira independência, que se vincasse bem este momento, testemunhando ao senhor Presidente o quanto este Conselho aprecia todo o trabalho realizado. E que, em alegre e fraterno convívio se reunissem, num jantar, todos os componentes do Conselho Municipal, os Presidentes das Juntas de Freguesia, Vereação e equipa de técnicos que participaram na organização do Plano e ainda quem se julgasse oportuno convidar para se manifestar a satisfação de todos por tão importante empreendimento.

Ao propor esta homenagem, não o fazia com intenção de agradar, mas sim porque a achava inteiramente justa.

Quando certos homens, arrostando as críticas tendenciosas, certos ódios incontidos, seguem pelo caminho difícil do dever, é justo que se reconheça o quanto representa de sacrifício, o quanto se tem de ser isento, para se não ficar pelo caminho. E quando encontrarmos homens desta têmpera, sentimos vontade de lhes dar o nosso inteiro apoio, e de desejarmos que se mantenham à frente dos organismos públicos, para bem das gentes e prestígio do Estado.

O Vogal senhor Doutor Joaquim Ribeiro Breda pediu a palavra para entrar nas considerações que o Vogal senhor Jorge Corte-Rel tão oportuna e brilhantemente fez, para dar todo o apoio ao Plano do senhor Presidente e da sua equipe, louvor justíssimo e, além disso, agradecer todas as gentilezas com que o senhor Presidente tem distinguido os senhores Vogais, no exercício dos seus mandatos.

O senhor Vogal disse que o senhor Presidente tem sido duma amabilidade extrema e, portanto, quem tem que agradecer são eles, senhores Vogais e não o senhor Presidente como de princípio foi dito.

O Vogal senhor Carlos Mendes, pediu a palavra para felicitar o senhor Presidente, pelo Plano Director da Cidade de Aveiro, que acaba de apresentar ao Conselho Municipal para sua apreciação e aprovação.

Perante uma obra tão grandiosa que deve ser um orgulho para todos os bons aveirenses, e ele, senhor Vogal, não tem dúvida alguma em dar a sua aprovação pois reputa de um trabalho inteligente e honesto e de grande interesse para o futuro da nossa querida cidade e para a sua economia, pois turisticamente virá atrair mais turistas, e portanto deixando ficar na cidade mais capital, que indirectamente virá beneficiar a todos, porque hoje o turismo é a maior fonte de receita, e as estatísticas em todo o mundo estão bem à vista.

O Conselho Municipal está com ele, senhor Presidente pois sabe bem as lutas que tem tido para vencer mostrando-se superior a todas as críticas, inferiores e destrutivas, e só assim, de cabeça bem erguida, soube tornear todos os obstáculos que se lhe depararam, vencendo-os.

Pode estar certo que a cidade de Aveiro não é ingrata, porque por tradição é leal e sã, e muito em breve, depois de se aperceber e reconhecer a transcendência do Plano Director de Aveiro que acaba de apresentar, será a primeira, em massa, a vir agradecer-lhe, porque a obra está feita, e agora é só dar-lhe o seu seguimento, e Aveiro saberá ser grata.

Está certo que as gerações vindouras também virão fazer justiça ao senhor Presidente e a toda a equipe de técnicos, que colaboraram e tornaram possível tão grande e útil obra, que é de grande alcance, e que ficará para a história da cidade.

Felicita o senhor Presidente, englobando engenheiros, arquitectos, técnicos e todo o mais pessoal que no Plano trabalharam, e o tornaram uma realidade e não um sonho, como tantos o afirmaram.

É de facto uma satisfação para o senhor Presidente, chegar ao fim do Plano e ver reconhecido com louvores, pelo Conselho, Vereação, e nas esferas superiores, por tão belo e completo trabalho, agora apresentado.

Este apoio moral, é realmente a melhor compensação para tão grande esforço.

Cumprimenta o senhor Presidente, desejando-lhe as maiores felicidades, e que Deus o proteja, para que o possam ver continuar o seu inteligente trabalho, para bem da nossa terra, porque as pessoas bem formadas assim o desejam.

O Vogal senhor João de Pinho Brandão pediu novamente a palavra para dizer que dá todo o seu apoio às considerações apresentadas pelo senhor Corte-Real e para propor que das actas deste Conselho Municipal sejam tiradas cópias principalmente dos assuntos mais importantes para serem distribuídas pela Imprensa local e diária do país, pois tem notado que embora tenha visto referências aos Conselhos Municipais de outros municípios, mereceu-lhe reparo não ver qualquer referência aos assuntos aqui tratados, não só pela importância de certos problemas ventilados, como pela consideração que se deve ao senhor Presidente que com clarividência que está à vista de todos e com uma competência que muito é apreciada por todos os senhores Vogais, se encontra sempre apto e pronto a responder às suas interpelações e esclarecê-los tão atentamente como o tem feito.

Entende que o caso se deve aplicar sobremaneira, pelo menos para esta sessão de hoje, que é, como se disse já, uma sessão histórica navida do Município aveirense.

O Vogal senhor Jorge Corte-Real, concretizando melhor a sua proposta, propõe também que se manifeste a Sua Excelência o Ministro das Obras Públicas o apoio incondicional deste Conselho à Câmara Municipal, na pessoa do seu Presidente por esse tão extraordinário trabalho apresentado. Seria uma das formas de se mostrar às entidades superiores quanto apreciam o trabalho executado nesta Câmara.

Tomou seguidamente a palavra o Vogal senhor Engenheiro Agrónomo José Gamelas Júnior para dizer que em face de um trabalho tão profusamente documentado, nos mais variados aspectos que interessam à vida da cidade, não podia ter inteligentemente outra atitude que não fosse de inteiro apoio ao seu conteúdo e aos objectivos que se pressupõe. Aliás, como homem que de urbanismo apenas confessa conhecer o que uma simples cultura geral lhe permite, deseja destacar o método, o pormenor dos assuntos abordados e a orientação seguida, atributos sempre presentes em qualquer trabalho de natureza científica ou técnica, o que lhe vem consequentemente imprimir um carácter de honestidade e realismo que muito lhe apraz registar. Desta forma, o progresso da cidade de Aveiro será baseado, a partir do oportuno e valioso Plano Director, não em sonhos e fantasias douradas, mas nas próprias determinantes da sua vida económica e social e até nos dons com que a natureza a fadou, o que lhe irá permitir um cunho próprio e distinto de todas as outras, pelo aproveitamento e valorização das suas naturais tendências e aptidões.

A aprovação do Plano Director será verdadeiramente um momento histórico para a cidade de Aveiro, na medida em que lhe abre definitivamente horizontes claros e definidos, depois de tantos anos de hesitações, para um futuro promissor.

Por isso, como aveirense, agradecia ao senhor Presidente, pela visão esclarecida deste assunto, e pela inteligência e tenacidade com que se entregou a esta causa, ao mesmo tempo que o felicitava também pela equipe de técnicos, orientadores e executores que tinha conseguido para esse efeito. E o valor dessa equipe, à frente da qual existe um especializado em assuntos de urbanismo de craveira internacional — o Professor Auzelle — não será mais um motivo sério para que o Plano Director mereça a nossa inteira confiança? O Plano Director traz as suas credenciais, que o próprio senhor Ministro das Obras Públicas tanto aprecia, não lhe regateando encómios.

E isto era para ele bastante para apoiá-lo e aprová-lo com plena satisfação. E àqueles que, por paixões estéreis ou manobras maquiavélicas, muitas vezes fomentam um clima de indesejável e perniciosa desagregação, lesiva dos interesses da cidade, apenas deseja que vivam o suficiente para verem o mal que fazem e se emendem nos seus propósitos de servir uma terra que nós, aveirenses, tanto amamos, e por tanto amá-la, tanto sofremos quando a vemos ofendida nos seus principais elementos prestigiosos e operosos.

Por último, desejava emitir o seu voto de muito agrado pela feliz proposta do senhor Jorge Corte-Real, quanto à homenagem ao senhor Presidente. Com ela concordava inteiramente por reconhecer ser da maior justiça, já que traduziria uma forma de apreço pela inteligência, entusiasmo e carinho e denodado sacrifício com que o senhor Presidente tem servido a cidade e o seu concelho.

E não queria acabar as suas considerações sem ainda emitir um voto para que o seu mandato seja renovado, uma vez que o Plano Director, pelo menos nos primeiros anos da sua aplicação prática, precisa de continuidade, e esta, em boa verdade, ninguém melhor do que ele, senhor Presidente, a pode dar.

Disse ainda o mesmo senhor Vogal desejar que, através da Imprensa local e diária, se fizesse a maior divulgação deste assunto que é, na realidade um acontecimento histórico na vida da cidade de Aveiro.

O Vogal senhor Engenheiro Agrónomo Carlos Gamelas Gomes Teixeira disse querer sugerir que uma coisa poderia ter já imeditato andamento, da proposta do senhor Jorge Corte-Real, não só daquilo que se poderia mandar para a Imprensa, mas também o telegrama de apoio, sugerido pelo mesmo senhor Vogal, a Sua Excelência o Ministro das Obras Públicas.

A outra parte, seria uma concretização de mais vasta homenagem, escolhendo-se os elementos [illegible]onselho Municipal que deverão estudar [illegible]deradamente o assunto e lhe darem a [illegible]retização que o estudo do problema me[illegible] aconselhasse.

Ponderado [illegible]ssunto pelos senhores Vogais, foi del[illegible]do enviar o seguinte telegrama, a S[illegible]xcelência o Ministro das Obras Públ[illegible] — «Conselho Municipal de Aveiro, [illegible]nido sessão extraordinária para aprec[illegible] do Plano Director da Cidade, para a[illegible] de ter aprovado o mesmo, por ac[illegible]ação, deliberou patentear Vossa Exce[illegible]a mais profundo reconhecimento e [illegible]miração por ter possibilitado, com [illegible] indispensável apoio, realização de [illegible] fundamental para o futuro desta c[illegible]e. Identificado ainda com alto espírit[illegible] clarividência e devoção de Vossa E[illegible]ência ao bem público espera e solicit[illegible]ntinuação indispensável apoio futuro [illegible]Vossa Excelência na concretização [illegible]mesmo Plano, levado a bom termo p[illegible]a equipe a todos os títulos merecedo[illegible]a gratidão de todo o Conselho, sen[illegible]necessário garantir-se continuidade ac[illegible] municipal».

O Vogal se[illegible] Jorge Corte-Real propunha ainda, p[illegible]ugestão do Vogal senhor João Salgu[illegible] que se enviasse uma cópia da acta, [illegible] parte respeitante à aprovação do [illegible]o Director, a Sua Excelência o M[illegible]o do Interior, o que foi aprovado p[illegible] unanimidade: — Primeiro: — Constitui[illegible]a Comissão de três elementos que [illegible]dará a forma de se concretizar aquela [illegible]enagem. — Segundo: — Enviar um[illegible]ópia da acta a Sua Excelência o M[illegible]tro do Interior e, ao mesmo temp[illegible] que se manifeste o apreço deste C[illegible]lho, ao Excelentíssimo Senhor Governad[illegible] Civil do Distrito, bem como a remessa [illegible] telegrama a Sua Excelência o Minis[illegible] das Obras Públicas, que já foi delibe[illegible].

O Vogal se[illegible]r Severim Francisco Marques pediu [illegible]bém a palavra para dizer que se limi[illegible] ratificar tudo quanto já foi dito pelos [illegible]hores Vogais, louvando o senhor Presid[illegible]e a equipe que trabalhou neste Pla[illegible] aprovar inteiramente tudo quanto foi[illegible]o e o trabalho exposto.

O Vogal se[illegible] Carlos Gomes Teixeira propos aind[illegible], após o encerramento da sessão, [illegible]os membros do Conselho Municipa[illegible]ocassem impressões francas mas de [illegible]atureza particular e dessa troca de [illegible]essões saissem efectivamente as p[illegible]s que se considerassem mais in[illegible]das para organizarem a homenagem [illegible]

O senhor [illegible]nte antes de por à votação do Co[illegible] o Plano Director, queria dizer um[illegible]avra, que pede desculpa se não s[illegible]vidamente ordenada, mas confessa c[illegible]ste momento talvez não consiga ord[illegible] perfeitamente aquilo que pretende di[illegible]

Foi absoluta[illegible] colhido de surpresa, como era natur[illegible] esta manifestação de [illegible]oio, amiz[illegible] gratidão [illegible] uma [illegible]e, ao fi[illegible] consti[illegible] do que [illegible] dever c[illegible] ou, [illegible] menos, que pa[illegible] Presidente, lhe dá a consciê[illegible] e [illegible]quili[illegible]de de espírito de estar a dese[illegible]ar as suas funções o melhor que p[illegible] que sabe e que lhe é possível, pa[illegible] bem exclusivo de interesses da cidade e do concelho de Aveiro.

Confessa que essa consciência, que tem da maneira como procura desempenhar as suas funções, também não o leva a poder admitir, como justas, as palavras que acabou de ouvir neste Conselho, já que elas, no seu conceito, transcendem tudo quanto representa aquilo que lhe parece que faz, ou seja, cumprir o melhor pode, a sua missão.

É no entanto, sempre muito agradável, ouvir essas palavras até pelo que elas traduzem de incentivo para a sua actuação, para o que há a fazer e de bálsamo para os desgostos que, normalmente, esta função sempre traz a quem as desempenha.

Quando veio assumir as funções onde hoje se encontra, não foi por sua vontade mas, porque várias circunstâncias, então a isso o compeliram.

Não ignorava, no entanto, que vinha assumir funções que são das mais ingratas para quem as assume, na medida que se quiser ter isenção no seu desempenho, fatalmente terá que desagradar mais do que agradar.

Portanto, tinha consciência plena da natureza das funções que assumiu e vinha por isso preparado para arrostar com a crítica e com o desagrado daqueles a quem não podia agradar.

É portanto natural que como consequência desse pensamento, não tenha que se sentir, quando criticarem a sua actuação.

Essa crítica é inerente à função e portanto, há que a ter como certa, como fatal.

No entanto, sempre admitiu, talvez por um pouco de confiança excessiva no factor humano que, para além da crítica, deveria haver sempre um princípio de equidade, um pouco de justiça em cada um daqueles que a apreciam e que, embora lhes não agrade directamente aquilo que se faz, reconheçam, pelo menos, que se procura trabalhar com isenção e com um único objectivo que é o do interesse geral do concelho, dando tudo quanto se pode para o conseguir e sem olhar a quem possa ser prejudicado, já que a ele se subordinam todos os interesses particulares.

Essa consciência tem ele, senhor Presidente bem plena e na única coisa que lhe dá um pouco de mágoa é o sentir que em algumas pessoas que assistem diàriamente e de há longos anos à vida que se processa no nosso concelho, não exista um mínimo de isenção para conhecer, pelo menos o espírito que preside a todas as decisões e a toda a organização que esta Câmara tem tido.

Ora, não há mágoas, injustiças, críticas, que possam resistir e subsistir para além dos momentos em que inversamente, uma pessoa que se encontra nas suas funções tem a alegria de sentir quando, à sua volta, aqueles que são, afinal, os mentores da actividade municipal, aqueles que a lei determina que fiscalizem, que critiquem, que proibam a execução de tudo quanto não seja pró interesse municipal, são capazes de, pondo de parte e alheando-se dos possíveis prejuízos, até pessoais que a acção da Câmara lhes possa ter trazido, de manifestar da forma como este Conselho Municipal acaba de o fazer, o seu apoio e a garantia que dá da compreensão por aquilo que se tem procurado fazer.

São momentos como estes, em que se sente que a justiça, a isenção de espírito, ainda não morreu em todos os homens, que lhe dão alento e que são capazes de anular, em definitivo, tudo quanto os não qualificados, são capazes de fazer para procurar atingir aqueles que nada pedem para si, nada tiram de proveito do desempenho das funções e apenas procuram dedicar-se à causa comum.

Ele, senhor Presidente, tem a consciência de em qualquer momento poder sair desta casa, com a cabeça tão levantada como entrou porque nada tirou para proveito pessoal.

Ia dizendo que são realmente os momentos como estes a que acaba de assistir que contam na vida das pessoas, e que não há sacrifícios, não há desilusões, não há mágoas que ainda possam contar, depois de uma tal manifestação de apoio e confiança.

Disse o senhor Presidente estar profundamente reconhecido a todos os senhores Vogais pelo espírito que lhe transmitiram nesta sessão através das palavras que pronunciaram.

Para além do trabalho que se realizou e que lhe dá a grande satisfação de merecer a aprovação deste Conselho, desejaria que o agradecimento do Conselho se resumisse nas palavras que foram ditas.

Não há nada que lhe possa dar mais satisfação pessoal do que as palavras que acabou de ouvir dos ilustres membros deste Conselho Municipal, dos representantes das forças vivas do concelho, dos representantes da sua população, afinal daqueles a quem interessa mais a actuação da Câmara.

E é essa aprovação e essas palavras que, para além da aceitação da orientação dada à Câmara, traduzem incentivo e apoio, que constituem para ele, senhor Presidente, aquele momento alto que todo o homem pode desejar na função que desempenha.

Está-lhes muito grato e como o senhor Engenheiro Carlos Teixeira disse, era-lhe muito difícil intervir no assunto que o Conselho resolveu abordar no decurso desta sessão já porque naturalmente é avesso às exteriorizações e entende que o que conta é atingir o objectivo, o que se procura realizar. O que conta é o sentimento das pessoas perante a obra que se realiza e esse ficou bem expresso nesta sessão.

Gostaria, por isso, dentro desta ordem de ideias, que, se os membros deste Conselho quiserem insistir no seu propósito, lhe dêem a possibilidade, que aceita totalmente, de em franca confraternização e como consequência natural das lutas que nesta Câmara se travam a bem do concelho; como traço de união entre todos os que têm a responsabilidade do futuro deste concelho, se reunissem amigàvelmente, familiarmente, num jantar que lhe daria o melhor dos prazeres por ser feito na companhia de tão ilustres e amigas pessoas.

Tudo quanto passe para além desse âmbito restrito de família, confessa que é naturalmente contrário ao seu sentir.

Não pode também deixar de agradecer ao Conselho a intenção com que pretende transmitir aos elementos a quem cabe a responsabilidade do Governo do nosso país e do nosso distrito, os sentimentos de apoio que o Conselho nutre pela presidência da Câmara e os desejos de continuidade que através desse apoio e iniciativa, procura por em evidência.

O senhor Engenheiro Manuel Simões Pontes disse que pedia ao senhor Presidente desculpa por esse objectivo do Conselho, na medida em que, se tal se vier a dar como é desejo de todos os aveirenses, o que obterá são mais trabalhos e mais encargos.

O senhor Presidente respondeu dizendo que não tem nada que lhes pedir desculpa, embora tenham toda a razão ao pensar que não é tarefa desejável antes pelo contrário, mas sente-se extremamente honrado quando verifica que os homens responsáveis do Conselho lhe dão a consideração de o julgarem útil ao concelho de Aveiro.

Como sabem, o seu mandato está prestes a terminar e julga que, embora agradecendo sensibilizadíssimo, a atitude e o espírito deste Conselho Municipal, ele, Conselho, não deve fazer nada que possa influenciar a decisão que vier a ser tomada por quem de direito, na altura oportuna, até mesmo porque, não sabe, se ao concelho de Aveiro, realmente convirá que seja ele, senhor Presidente, que permaneça neste lugar ou se antes para aqui deverá vir outra pessoa mais capaz e mais apta a satisfazer o interesse e o futuro do concelho.

São realmente assuntos melindrosos, rodeados de várias circunstâncias que devem recomendar prudência na sua apreciação e desejaria realmente que quem tiver de decidir sobre esse assunto o possa fazer livremente sem qualquer pressão, por forma a fazer o que entender mais conveniente, para os interesses do Concelho.

Agadece muito sensibilizado a todos a sua atitude e para além do mais, o sentimento que lhes expressaram e que para ele, senhor Presidente, é o que vale e aquilo que realmente apaga tudo o que possa ter lastimado, até este momento, no desempenho das suas funções.

Para se encerrar esta sessão resta cumprir a formalidade da votação do Plano Director, por tanto, põe à votação do Conselho o Plano Director da Cidade, sendo o mesmo aprovado por unanimidade e por aclamação.

E não havendo mais assuntos a tratar, o senhor Presidente declarou a sessão encerrada, da qual se lavrou a presente acta que foi aprovada e vai ser assinada por todos os senhores Vogais depois de lida em voz alta, pom mim, Dário da Silva Ladeira, Chefe da Secretaria, que a subscrevo. — (Assinados) — Henrique Álvaro Pires de Mascarenhas, João Nunes Ferreira Salgueiro, Jorge Pereira Campos Mourão de Mendonça Corte-Real, Carlos Gamelas Gomes Teixeira, Carlos Marques Mendes, João de Pinho Brandão, Joaquim Adriano de Almeida Campos Amorim, Joaquim Maria Galante, Joaquim Ribeiro Breda, José Ferreira de Almeida, José Gamelas Júnior, Manuel Simões Pontes e Severim Francisco Marques.

Está conforme.

Secretaria da Câmara Municipal de Aveiro, aos vinte e três dias do mês de Janeiro de mil novecentos e sessenta e cinco.

O Chefe da Secretaria,

Mário da Silva Ladeira

A Pantera Cor de Rosa

Verdadeira história das «Mil e Uma Noites» a que não falta sequer uma perturbante princesa oriental, esta *Pantera Cor de Rosa* reune no seu elenco as mais destacadas vedetas da actualidade: *Peter Sellers, David Niven, Capucine, Robert Wagner* e *Claudia Cardinale.*

A música de Henry Mancini, *os fabulosos vestidos criados especialmente para este filme por Yves Sainte Laurent,* uma história louca e divertida até às lágrimas e uma realização seguríssima de Blacke Edward, contribuem para fazer de *A Pantera Cor de Rosa* uma das mais brilhantes comédias da actualidade.

A acção desenrola-se nos famosos Palaces dos mais elegantes centros europeus onde a vida decorre entre sorrisos e galanteios... onde autênticos milionários constituem «caça» dos aventureiros da «alta roda».

Crítica a uma sociedade fútil esmagada pelo peso dos seus milhões?... Não tanto, como parece... *A Pantera Cor de Rosa* pretende, acima de tudo, divertir; e para isso relata-nos, num ritmo louco, a rocambolesca aventura dum desastrado detective casado com uma bela e inquietante mulher, duma perturbante princesa oriental e dum audacioso «Ladrão de Casaca» com alta cotação na Interpol.

Este filme, depois de 4 semanas na estreia em Lisboa, exibe-se no próximo Domingo 31, no Cine Avenida.

A CIDADE

A Nova Sede do Clube dos Galitos

Terminado o prazo para apresentação de propostas para a obra da construção da nova sede do prestigioso Clube dos Galitos, os trabalhos foram agora adjudicados ao construtor aveirense sr. Manuel dos Santos Moreira, pela importância de 980 contos.

A obra terá de ficar concluida dentro de vinte e um meses, começando os trabalhos já em Fevereiro, com a demolição do prédio — com frentes para a Rua de João Mendonça e Praça do Dr. Joaquim de Melo Freitas — adquirido pelo Galitos para as suas instalações sociais.

83.º Aniversário dos «Bombeiros Velhos»

A prestigiosa Associação Humanitária dos Bombeiros Voluntários de Aveiro comemora hoje, amanhã e segunda-feira o seu octogésimo terceiro aniversário, promovendo as cerimónias constantes do programa que a seguir indicamos:

Sábado, 30 de Janeiro

Às 21.30 horas — Na sede, baptismo do novo pronto-socorro auto-tanque de nevoeiro a alta pressão «Dr. Manuel Louzada», pelo sr. D. Manuel de Almeida Trindade, Bispo de Aveiro.

Às 22 horas — No salão nobre, entrega de machados e imposição de capacetes aos novos bombeiros da corporação, pelas suas próprias mães; condecoração de bombeiros, por antiguidade de serviço; e sessão solene, presidida pelo Chefe do Distrito, em que usará da palavra o distinto advogado portuense sr. Dr. Araújo Barros.

Assistem a estas cerimónias o Inspector do Serviço de Incêndios da Zona Norte, sr. Tenente-coronel Alexandre de Magalhães, o Presidente da Liga dos Bombeiros Portugueses e as diversas entidades oficiais citadinas.

Domingo, 31 de Janeiro

Às 9.30 horas — Na sede, hastear da Bandeira, ante formatura geral do Corpo Activo.

Às 10 horas — Na igreja de Jesus, missa de sufrágio por alma dos bombeiros e sócios protectores falecidos, celebrada pelo Rev.º Padre Manuel Caetano Fidalgo, Capelão da Corporação. No final do piedoso acto, efectua-se uma romagem de saudade aos cemitérios da cidade.

Segunda-feira, 1 de Fevereiro

Às 20 horas — Na sede, jantar de confraternização, por inscrição entre sócios dos «Bombeiros Velhos».

Criança atropelada por um automóvel

No último sábado, perto da passagem de nível de Esgueira, o automóvel ligeiro PO-21-10, conduzido pelo sr. José Augusto de Almeida Baptista, comerciante de Aguada de Cima (Águeda), colheu a menor Susana Marques Lourenço, de 4 anos — que ficou com graves ferimentos e fracturas, pelo que teve de ficar internada no Hospital de Santa Joana, para onde foi conduzida.

A P.V.T. tomou conta da ocorrência.

A «sereia» tocou...

Na terça-feira, deflagrou um incêndio numa casa de arrecadações dos armazéns da firma Pedrosa & Tavares, na Rua de José Luciano de Castro, em Esgueira.

O fogo irrompeu com violência, mas veio a sér dominado pelos bombeiros das duas corporações da cidade, que prontamente compareceram no local e evitaram que as chamas se propagassem às casas vizinhas, como esteve prestes a suceder.

Sindicato Nacional dos Empregados de Escritório

O Sindicato Nacional dos Empregados de Escritório do Distrito de Aveiro, dentro de um louvável programa de auxílio aos seus associados, tem vindo a conceder-lhes livros para o ensino primário e atribuir-lhes subsídios pecuniários para frequência no ensino secundário e nos cursos de ginástica ministrados no Distrito.

A Direcção deste organismo, em reunião recente, deliberou aumentar os aludidos subsídios e criar um novo benefício — concedendo aos seus sócios efectivos um subsídio de 50 % sobre o custo da estadia dos seus filhos (de idade até aos 12 anos), em Colónias de Férias da F. N. A. T., quando acompanhados de seus pais.

No próximo mês de Fevereiro, a Direcção do Sindicato dos Empregados de Escritório distribuirá pelos seus sócios um opúsculo elucidativo desta nova iniciativa.

Posse do novo Subdelegado do I. N. T. P.

Em cerimónia presidida pelo Delegado em Aveiro do I. N. T. P., sr. Dr. Fernando Ruy Corte-Real Amaral, foi há dias empossado no cargo de Subdelegado daquele organismo o sr. Dr. Miguel José de Almeida Pupo Correia.

Presidente da Caixa de Previdência de Aveiro

Foi designado para o cargo de Presidente da Caixa de Previdência do Distrito de Aveiro o sr. Dr. Augusto Soares Coimbra que há cinco anos exercia o cargo de Delegado em Santarém do I. N. T. P., e foi há dias alvo de expressiva homenagem de despedida naquela cidade ribatejana.

Aniversário

No próximo dia 4, completa o seu 1.º aniversário, a menina Elda Maria da Costa e Melo Guimarães, filha da Sr.ª D. Fernanda Maria da Costa e Melo Guimarães e do Sr. Custódio Guimarães, ausentes em Benguela (Angola).

Cartaz de Espectáculos

Cine-Teatro Avenida

Sábado, 30 — às 21.30 horas — 12 anos.

Programa duplo, com os filmes: **Território Fora da Lei** - com Joanne Dru, Mac Donald Carey, John Ireland e Stuart Randal; e **Escola de Vagabundos** — com Pedro Infante e Miroslava.

Domingo, 31 — às 15.30 e às 21.30 horas — 17 anos.

A Pantera Cor de Rosa — com David Niven, Peter Sellers, Robert Wagner, Capucine e Claudia Cardinale.

Terça-feira, 2 de Fevereiro — às 21.30 horas — 17 anos.

4 no Texas — com Frank Sinatra, Dean Martin, Anita Ekberg e Ursula Andress.

Faleceram:

Cap. Joaquim José Santana

No dia 14, faleceu o sr. Capitão Joaquim José Santana, figura muito considerada e estimada em Aveiro. O saudoso extinto, depois de se reformar no Exército, em 1925, exerceu o lugar de tesoureiro da Caixa Geral de Depósitos, durante um quarto de século.

Deixou viúva a sr.ª D. Virgínia Nogueira Santana; era pai do sr. Manuel Nogueira Santana; e sogro da sr.ª D. Maria Gamelas Santana.

Francisco Marques Simões

Também em 14, faleceu o proprietário sr. Francisco Marques Simões, que deixou viúva a s.ª D. Ursulina Dias Marques Simões e era primo dos srs. António Ferreira Leite Pais, casado com a sr.ª D. Ermelinda Vidal Leite Pais, e José Ramos, casado com a sr. D. Guilhermina Vidal Ramos.

D. Isabel Marcos de Carvalho

Faleceu no dia 17 a sr. D. Isabel Marcos de Carvalho, tia da sr.ª D. Maria da Anunciação Moreira de Carvalho e do sr. Augusto Moreira de Carvalho.

D. Amícia de Oliveira Freitas

Em 19, faleceu a sr. D. Amícia de Oliveira Freitas, que deixou viúvo o industrial sr. Júlio Pereira Campos; e era mãe dos srs. Francisco e José Campos Oliveira.

Às famílias enlutadas os pêsames do LITORAL

JOÃO ANTÓNIO DE MORAIS SARMENTO

Missa do 1.º Aniversário

Ocorre amanhã, 31 de Janeiro, o primeiro aniversário do falecimento do saudoso João António de Morais Sarmento, mandando os seus familiares rezar missa de sufrágio no dia imediato (1 de Fevereiro), pelas 8 horas, na igreja da Vera-Cruz.

Para o piedoso acto, convidam-se todas as pessoas das relações do saudoso e querido finado.

Aveiro do Futuro

Continuação da terceira página

a sua apreciação do Plano Director concretizou do modo seguinte as suas considerações: — O Plano que se está hoje apreciando tem altura, é sério pelo objectivo que se propõe atingir, é exequível, não só pela consideração que houve na obtenção dos meios financeiros indispensáveis ao arranque, como pelo sentido realista e elástico — sem desrespeito pela verdade — do método de execução preconizado. Honra e dignifica a Presidência da Câmara e dota a cidade de Aveiro, que há-de através da realização do Plano marcar posição, cada vez mais destacada, pela exaltação e integração do admirável meio geo-económico-social da região. Uma obra desta envergadura não se podia furtar ás críticas dos Velhos do Restelo, talvez aqui mais a despropósito por infundamentadas e menos sérias por se fazerem à volta de interesses mesquinhos, mas que não lhe tiram, de qualquer modo, nem o mérito, nem a validade e antes define um marco histórico no progresso desta terra.

E ao mesmo tempo que dava a sua plena aprovação permitia-se sugerir que o reconhecimento do Conselho Municipal ao senhor Presidente e seus colaboradores se manifeste para além desta sessão e da forma que for julgada mais conveniente e que, dado o manifesto apoio recebido do Governo, quer na elaboração do Plano Director, quer através de substanciais meios para a sua execução, se exteriorize ao Excelentíssimo Senhor Governador Civil de Aveiro, como seu lídimo representante e portanto interessado no progresso e bem estar da população, para que ele seja o fiel intérprete junto de Suas Excelências os Ministros do Interior e das Obras Públicas deste nosso regozijo pela aprovação que hoje se irá consumar e ainda que com persistência e continuidade — como já vem sendo apanágio da administração —, se possa agora concretizar o Plano na sua maior extensão e profundidade a bem da cidade e da região em que se integra.

O Vogal senhor João de Pinho Brandão pediu a palavra para dizer que fazendo parte de um organismo da cidade, — o Grémio da Lavoura —, que pensa construir a sua sede, estando apenas dependente de acertos de localização, perguntou em que zona se situará aquela construção, dentro do Plano Director.

O senhor Presidente esclareceu que o Plano, tal qual está apresentado, é um Plano Director, um plano que traça a generalidade dos elementos base do aproveitamento do território e que será completado com planos parciais de pormenor, planos esses que então irão à minúcia da localização dos vários edifícios e das instalações públicas.

Num Plano deste âmbito nunca se poderia vir a dar a indicação precisa de que o Grémio da Lavoura ou outra qualquer instalação ficará localizado neste ou naquele ponto, quando houver de ser construído.

Definem-se sectores que condicionam a utilização do território e que serão industriais, habitacionais ou cívicos. Portanto, reparte-se e define-se a utilização geral e depois, cada um desses é trabalhado em pormenor que permitirá, então, tomar em consideração as necessidades do aglomerado quanto à reserva de espaços para a construção daqueles edifícios que são necessários à vida do aglomerado.

Para o caso concreto do Grémio da Lavoura pode dizer ao senhor Vogal que dadas as características de que reveste aquele organismo, não englobando só edifícios para escritórios mas também para armazenamento de mercadorias, a sua localização encontra-se condicionada a um dos sectores que no Plano Director está previsto em zona mista de habitação e pequena indúústria ou pròpriamente industrial.

O Vogal senhor João de Pinho Brandão agradeceu os esclarecimentos prestados pelo senhor Presidente.

Pediu, em seguida, a palavra o Vogal senhor Jorge Corte-Real. Começou por se referir às amáveis palavras que há pouco o senhor Presidente dirigira ao Conselho Municipal, ao por em destaque as deferências que sempre tinha recebido do mesmo e ao apoio que sempre tivera durante o ano findo.

Julgando interpretar o sentir dos senhores Vogais, o senhor Presidente nada tem a agradecer, pois, se é certo que este Conselho tem dado o apoio à acção desenvolvida pelo seu Presidente, é porque tem verificado que se tem procurado por, acima de todos os interesses os das populações que representam.

O senhor Presidente com aquele espírito desempoeirado que tanto o caracteriza, tem aceitado todas as intervenções dos senhores Vogais e, muitas vezes, em questões de mero pormenor, as críticas que estes entendem dever fazer, para todos tendo uma palavra ponderada de explicação, demonstrando, com esta forma de proceder, ter um enorme interesse de colaborar e não de mandar.

Durante estes longos meses de contacto com este Conselho, nunca o senhor Presidente falara de cátedra. Sempre pediu a colaboração dos senhores Vogais e estes nunca lha recusaram, porque não podem recusar a colaboração a quem sempre tem procurado exercer a sua acção em prol dos legítimos interesses das populações e actividades que por lei lhe estão confiadas.

Continuando no uso da palavra, este senhor Vogal agradeceu, em nome de todos, os amáveis cumprimentos e os desejos de um novo ano cheio de prosperidades que o senhor Presidente tivera a gentileza de dirigir aos senhores Vogais.

Interpretando o sentir de todos, retribuia com todo o prazer esses amáveis cumprimentos, desejando-lhes as maiores felicidades e tornando-as extensivas à ilustre Vereação do Município, a todos quantos trabalham dentro desta casa e ainda às famílias dos mesmos.

O senhor Vogal disse, em seguida, ter tido ocasião de ler todo o trabalho apresentado neste Plano Director, que considera na verdade um trabalho honesto.

E fez referências ao cuidado com que este trabalho está feito; ao arranjo da parte central da cidade; à forma como é encarado o problema do ensino; às zonas destinadas aos novos bairros residenciais; à construção de edifícios parta alugar, depois, aos pequenos industriais; à maneira como são encarados os problemas respeitantes ao comércio, à parte religiosa, ao desporto, à cultura, ao turismo, enfim, a tudo quanto interessa ao futuro desenvolvimento da cidade. E ainda à parte respeitante ao plano rodoviário, a essa cintura de entradas e saídas da cidade. Está convencido que uma vez concretizado este Plano, teremos Aveiro transformada, da cidade simples que hoje é num centro turístico com projecção fora de portas. Será mais bela, terá características próprias, será admirada pelos estrangeiros como cidade diferente de todas as restantes.

Disse ainda que este Plano, ao mesmo tempo que a todos dá a consolação de vivermos numa hora de renovação, mostra quanto é grande a nossa responsabilidade e quanto devemos lutar para que o mesmo seja levado a cabo, sem desfalecimentos, apenas tendo em mente contribuir para o progresso desta linda cidade. tornando-a num centro turístico conhecido e admirado no estrangeiro.

Assim os homens, com a ajuda de Deus, se deixem de questões mesquinhas e se convençam da grandeza e necessidade deste empreendimento e que pelo facto de parecer temerário, não desanimem perante as dificuldades e levem a bom têrmo, mostrando, assim, serem dignos dos nossos grandes batalhadores.

Continuando no uso da palavra, referiu-se ao Velho do Restelo, de que há pouco tinha falado o Vogal senhor Engenheiro Pontes. A história nunca fala dos fracos. Que aqueles que têm sobre os seus ombros a responsabilidade de levar para a frente o progresso da região, não desfaleçam nem se arreceiem de combater os maus ventos, que sempre os houve. Aliás a nossa terra tem uma vantagem nesse aspecto. Por ser bastante ventosa, os miasmas, assim como vêm, assim vão e, quanto mais depressa, melhor.

O Plano não tem pretensões de ser absolutamente rígido; não vem resolver os problemas de toda a gente; apenas procura ser um trabalho honesto e com vista ao progresso da nossa terra.

Chamou a atenção particular para este facto que vem focado no referido Plano. Em seguida, o senhor Vogal disse ter umas propostas a fazer ao Conselho: — Primeiro, que ficasse exarado na acta um voto de admiração deste Conselho pelo trabalho realizado em tão curto prazo de tempo sob a direcção do senhor Arquitecto Robert Auzelle e com a colabaração de uma equipa técnica constituída pelo senhor Arquitecto José Baptista Semide e pelos senhores Raul Ribeiro, desenhador-topógrafo, Armando Costa, e Alípio Melo, desenhadores, Manuel Alves Moreira, Agente Técnico de Engenharia e Bernardo Fernandes, topógrafo.

Segundo, que ficaria bem, e fá-lo com inteira independência, que se vincasse bem este momento, testemunhando ao senhor Presidente o quanto este Conselho aprecia todo o trabalho realizado. E que, em alegre e fraterno convívio se reunissem, num jantar, todos os componentes do Conselho Municipal, os Presidentes das Juntas de Freguesia, Vereação e equipa de técnicos que participaram na organização do Plano e ainda quem se julgasse oportuno convidar para se manifestar a satisfação de todos por tão importante empreendimento.

Ao propor esta homenagem, não o fazia com intenção de agradar, mas sim porque a achava inteiramente justa.

Quando certos homens, arrostando as críticas tendenciosas, certos ódios incontidos, seguem pelo caminho difícil do dever, é justo que se reconheça o quanto representa de sacrifício, o quanto se tem de ser isento, para se não ficar pelo caminho. E quando encontrarmos homens desta têmpera, sentimos vontade de lhes dar o nosso inteiro apoio, e de desejarmos que se mantenham à frente dos organismos públicos, para bem das gentes e prestígio do Estado.

O Vogal senhor Doutor Joaquim Ribeiro Breda pediu a palavra para entrar nas considerações que o Vogal senhor Jorge Corte-Rel tão oportuna e brilhantemente fez, para dar todo o apoio ao Plano do senhor Presidente e da sua equipe, louvor justíssimo e, além disso, agradecer todas as gentilezas com que o senhor Presidente tem distinguido os senhores Vogais, no exercício dos seus mandatos.

O senhor Vogal disse que o senhor Presidente tem sido duma amabilidade extrema e, portanto, quem tem que agradecer são eles, senhores Vogais e não o senhor Presidente como de princípio foi dito.

O Vogal senhor Carlos Mendes, pediu a palavra para felicitar o senhor Presidente, pelo Plano Director da Cidade de Aveiro, que acaba de apresentar ao Conselho Municipal para sua apreciação e aprovação.

Perante uma obra tão grandiosa que deve ser um orgulho para todos os bons aveirenses, e ele, senhor Vogal, não tem dúvida alguma em dar a sua aprovação pois reputa de um trabalho inteligente e honesto e de grande interesse para o futuro da nossa querida cidade e para a sua economia, pois turisticamente virá atrair mais turistas, e portanto deixando ficar na cidade mais capital, que indirectamente virá beneficiar a todos, porque hoje o turismo é a maior fonte de receita, e as estatísticas em todo o mundo estão bem à vista.

O Conselho Municipal está com ele, senhor Presidente pois sabe bem as lutas que tem tido para vencer mostrando-se superior a todas as críticas, inferiores e destrutivas, e só assim, de cabeça bem erguida, soube tornear todos os obstáculos que se lhe depararam, vencendo-os.

Pode estar certo que a cidade de Aveiro não é ingrata, porque por tradição é leal e sã, e muito em breve, depois de se aperceber e reconhecer a transcendência do Plano Director de Aveiro que acaba de apresentar, será a primeira, em massa, a vir agradecer-lhe, porque a obra está feita, e agora é só dar-lhe o seu seguimento, e Aveiro saberá ser grata.

Está certo que as gerações vindouras também virão fazer justiça ao senhor Presidente e a toda a equipe de técnicos, que colaboraram e tornaram possível tão grande e útil obra, que é de grande alcance, e que ficará para a história da cidade.

Felicita o senhor Presidente, englobando engenheiros, arquitectos, técnicos e todo o mais pessoal que no Plano trabalharam, e o tornaram uma realidade e não um sonho, como tantos o afirmaram.

É de facto uma satisfação para o senhor Presidente, chegar ao fim do Plano e ver reconhecido com louvores, pelo Conselho, Vereação, e nas esferas superiores, por tão belo e completo trabalho, agora apresentado.

Este apoio moral, é realmente a melhor compensação para tão grande esforço.

Cumprimenta o senhor Presidente, desejando-lhe as maiores felicidades, e que Deus o proteja, para que o possam ver continuar o seu inteligente trabalho, para bem da nossa terra, porque as pessoas bem formadas assim o desejam.

O Vogal senhor João de Pinho Brandão pediu novamente a palavra para dizer que dá todo o seu apoio às considerações apresentadas pelo senhor Corte-Real e para propor que das actas deste Conselho Municipal sejam tiradas cópias principalmente dos assuntos mais importantes para serem distribuídas pela Imprensa local e diária do país, pois tem notado que embora tenha visto referências aos Conselhos Municipais de outros municípios, mereceu-lhe reparo não ver qualquer referência aos assuntos aqui tratados, não só pela importância de certos problemas ventilados, como pela consideração que se deve ao senhor Presidente que com clarividência que está à vista de todos e com uma competência que muito é apreciada por todos os senhores Vogais, se encontra sempre apto e pronto a responder às suas interpelações e esclarecê-los tão atentamente como o tem feito.

Entende que o caso se deve aplicar sobremaneira, pelo menos para esta sessão de hoje, que é, como se disse já, uma sessão histórica navida do Município aveirense.

O Vogal senhor Jorge Corte-Real, concretizando melhor a sua proposta, propõe também que se manifeste a Sua Excelência o Ministro das Obras Públicas o apoio incondicional deste Conselho à Câmara Municipal, na pessoa do seu Presidente por esse tão extraordinário trabalho apresentado. Seria uma das formas de se mostrar às entidades superiores quanto apreciam o trabalho executado nesta Câmara.

Tomou seguidamente a palavra o Vogal senhor Engenheiro Agrónomo José Gamelas Júnior para dizer que em face de um trabalho tão profusamente documentado, nos mais variados aspectos que interessam à vida da cidade, não podia ter inteligentemente outra atitude que não fosse de inteiro apoio ao seu conteúdo e aos objectivos que se pressupõe. Aliás, como homem que de urbanismo apenas confessa conhecer o que uma simples cultura geral lhe permite, deseja destacar o método, o pormenor dos assuntos abordados e a orientação seguida, atributos sempre presentes em qualquer trabalho de natureza científica ou técnica, o que lhe vem consequentemente imprimir um carácter de honestidade e realismo que muito lhe apraz registar. Desta forma, o progresso da cidade de Aveiro será baseado, a partir do oportuno e valioso Plano Director, não em sonhos e fantasias douradas, mas nas próprias determinantes da sua vida económica e social e até nos dons com que a natureza a fadou, o que lhe irá permitir um cunho próprio e distinto de todas as outras, pelo aproveitamento e valorização das suas naturais tendências e aptidões.

A aprovação do Plano Director será verdadeiramente um momento histórico para a cidade de Aveiro, na medida em que lhe abre definitivamente horizontes claros e definidos, depois de tantos anos de hesitações, para um futuro promissor.

Por isso, como aveirense, agradecia ao senhor Presidente, pela visão esclarecida deste assunto, e pela inteligência e tenacidade com que se entregou a esta causa, ao mesmo tempo que o felicitava também pela equipe de técnicos, orientadores e executores que tinha conseguido para esse efeito. E o valor dessa equipe, à frente da qual existe um especializado em assuntos de urbanismo de craveira internacional — o Professor Auzelle — não será mais um motivo sério para que o Plano Director mereça a nossa inteira confiança? O Plano Director traz as suas credenciais, que o próprio senhor Ministro das Obras Públicas tanto aprecia, não lhe regateando encómios.

E isto era para ele bastante para apoiá-lo e aprová-lo com plena satisfação. E àqueles que, por paixões estéreis ou manobras maquiavélicas, muitas vezes fomentam um clima de indesejável e perniciosa desagregação, lesiva dos interesses da cidade, apenas deseja que vivam o suficiente para verem o mal que fazem e se emendem nos seus propósitos de servir uma terra que nós, aveirenses, tanto amamos, e por tanto amá-la, tanto sofremos quando a vemos ofendida nos seus principais elementos prestigiosos e operosos.

Por último, desejava emitir o seu voto de muito agrado pela feliz proposta do senhor Jorge Corte-Real, quanto à homenagem ao senhor Presidente. Com ela concordava inteiramente por reconhecer ser da maior justiça, já que traduziria uma forma de apreço pela inteligência, entusiasmo e carinho e denodado sacrifício com que o senhor Presidente tem servido a cidade e o seu concelho.

E não queria acabar as suas considerações sem ainda emitir um voto para que o seu mandato seja renovado, uma vez que o Plano Director, pelo menos nos primeiros anos da sua aplicação prática, precisa de continuidade, e esta, em boa verdade, ninguém melhor do que ele, senhor Presidente, a pode dar.

Disse ainda o mesmo senhor Vogal desejar que, através da Imprensa local e diária, se fizesse a maior divulgação deste assunto que é, na realidade um acontecimento histórico na vida da cidade de Aveiro.

O Vogal senhor Engenheiro Agrónomo Carlos Gamelas Gomes Teixeira disse querer sugerir que uma coisa poderia ter já imeditato andamento, da proposta do senhor Jorge Corte-Real, não só daquilo que se poderia mandar para a Imprensa, mas também o telegrama de apoio, sugerido pelo mesmo senhor Vogal, a Sua Excelência o Ministro das Obras Públicas.

A outra parte, seria uma concretização de mais vasta homenagem, escolhendo-se os elementos [illegible]onselho Municipal que deverão estudar [illegible]deradamente o assunto e lhe darem a [illegible]retização que o estudo do problema m[illegible] aconselhasse.

Ponderado [illegible]ssunto pelos senhores Vogais, foi deli[illegible]do enviar o seguinte telegrama, a S[illegible] Excelência o Ministro das Obras Públ[illegible] — «Conselho Municipal de Aveiro, [illegible]nido sessão extraordinária para aprec[illegible]o do Plano Director da Cidade, para a[illegible] de ter aprovado o mesmo, por acl[illegible]ação, deliberou patentear Vossa Exce[illegible]a mais profundo reconhecimento e [illegible]miração por ter possibilitado, com [illegible] indispensável apoio, realização de [illegible] fundamental para o futuro desta c[illegible]e. Identificado ainda com alto espíri[illegible] clarividência e devoção de Vossa E[illegible]lência ao bem público espera e solicita [illegible]ntinuação indispensável apoio futuro [illegible] Vossa Excelência na concretização [illegible]mesmo Plano, levado a bom termo p[illegible]a equipe a todos os títulos merecedo[illegible]a gratidão de todo o Conselho, sen[illegible] necessário garantir-se continuidade ac[illegible] municipal».

O Vogal se[illegible] Jorge Corte-Real propunha ainda, p[illegible]ugestão do Vogal senhor João Salgu[illegible] que se enviasse uma cópia da acta, [illegible] parte respeitante à aprovação do [illegible]o Director, a Sua Excelência o Mi[illegible]o do Interior, o que foi aprovado p[illegible] unanimidade: — Primeiro: — Constituir [illegible]a Comissão de três elementos que [illegible]dará a forma de se concretizar aquela [illegible]nagem; — Segundo: — Enviar um[illegible]ópia da acta a Sua Excelência o M[illegible]tro do Interior e, ao mesmo tem[illegible] que se manifeste o apreço deste Co[illegible]ho, ao Excelentíssimo Senhor Governad[illegible] Civil do Distrito, bem como a remessa [illegible] telegrama a Sua Excelência o Minis[illegible] das Obras Públicas, que já foi delib[illegible].

O Vogal se[illegible] Severim Francisco Marques pediu [illegible]bém a palavra para dizer que se limi[illegible] ratificar tudo quanto já foi dito pelos [illegible]ores Vogais, louvando o senhor Presid[illegible] e a equipe que trabalhou neste Pla[illegible] aprovar inteiramente tudo quanto foi [illegible] e o trabalho exposto.

O Vogal se[illegible] Carlos Gomes Teixeira propos ainda[illegible], após o encerramento da sessão, t[illegible]os membros do Conselho Municipal [illegible]rocassem impressões francas mas de [illegible]atureza particular e dessa troca de [illegible]essões saíssem efectivamente as p[illegible] que se considerassem mais in[illegible]as para organizarem a homenagem [illegible].

O senhor [illegible]ente antes de por à votação do Co[illegible] o Plano Director, queria dizer um[illegible]avra, que pede desculpa se não s[illegible]vidamente ordenada, mas confessa q[illegible]ste momento talvez não consiga ord[illegible] perfeitamente aquilo que pretende di[illegible].

Foi absolutam[illegible] colhido de surpresa, como era natura[illegible] esta manifestação de apoio, amiz[illegible] gratidão [illegible] uma [illegible]e, ao fi[illegible] consti[illegible] do que [illegible] dever c[illegible]ou, [illegible] menos, que pa[illegible] Pre[illegible]ente, lhe dá a consciê[illegible] e [illegible]quili[illegible]de de espírito de estar a dese[illegible] as suas funções o melhor que p[illegible] que sabe e que lhe é possível, p[illegible] bem exclusivo de interesses da cidade e do concelho de Aveiro.

Confessa que essa consciência, que tem da maneira como procura desempenhar as suas funções, também não o leva a poder admitir, como justas, as palavras que acabou de ouvir neste Conselho, já que elas, no seu conceito, transcendem tudo quanto representa aquilo que lhe parece que faz, ou seja, cumprir o melhor pode, a sua missão.

É no entanto, sempre muito agradável, ouvir essas palavras até pelo que elas traduzem de incentivo para a sua actuação, para o que há a fazer e de bálsamo para os desgostos que, normalmente, esta função sempre traz a quem as desempenha.

Quando veio assumir as funções onde hoje se encontra, não foi por sua vontade mas, porque várias circunstâncias, então a isso o compeliram.

Não ignorava, no entanto, que vinha assumir funções que são das mais ingratas para quem as assume, na medida que se quiser ter isenção no seu desempenho, fatalmente terá que desagradar mais do que agradar.

Portanto, tinha consciência plena da natureza das funções que assumiu e vinha por isso preparado para arrostar com a crítica e com o desagrado daqueles a quem não podia agradar.

É portanto natural que como consequência desse pensamento, não tenha que se sentir, quando criticarem a sua actuação.

Essa crítica é inerente à função e portanto, há que a ter como certa, como fatal.

No entanto, sempre admitiu, talvez por um pouco de confiança excessiva no factor humano que, para além da crítica, deveria haver sempre um princípio de equidade, um pouco de justiça em cada um daqueles que a apreciam e que, embora lhes não agrade directamente aquilo que se faz, reconheçam, pelo menos, que se procura trabalhar com isenção e com um único objectivo que é o do interesse geral do concelho, dando tudo quanto se pode para o conseguir e sem olhar a quem possa ser prejudicado, já que a ele se subordinam todos os interesses particulares.

Essa consciência tem ele, senhor Presidente bem plena e na única coisa que lhe dá um pouco de mágoa é o sentir que em algumas pessoas que assistem diàriamente e de há longos anos à vida que se processa no nosso concelho, não exista um mínimo de isenção para conhecer, pelo menos o espírito que preside a todas as decisões e a toda a organização que esta Câmara tem tido.

Ora, não há mágoas, injustiças, críticas, que possam resistir e subsistir para além dos momentos em que inversamente, uma pessoa que se encontra nas suas funções tem a alegria de sentir quando, à sua volta, aqueles que são, afinal, os mentores da actividade municipal, aqueles que a lei determina que fiscalizem, que critiquem, que proibam a execução de tudo quanto não seja pró interesse municipal, são capazes de, pondo de parte e alheando-se dos possíveis prejuízos, até pessoais que a acção da Câmara lhes possa ter trazido, de manifestar da forma como este Conselho Municipal acaba de o fazer, o seu apoio e a garantia que dá da compreensão por aquilo que se tem procurado fazer.

São momentos como estes, em que se sente que a justiça, a isenção de espírito, ainda não morreu em todos os homens, que lhe dão alento e que são capazes de anular, em definitivo, tudo quanto os não qualificados, são capazes de fazer para procurar atingir aqueles que nada pedem para si, nada tiram de proveito do desempenho das funções e apenas procuram dedicar-se à causa comum.

Ele, senhor Presidente, tem a consciência de em qualquer momento poder sair desta casa, com a cabeça tão levantada como entrou porque nada tirou para proveito pessoal.

Ia dizendo que são realmente os momentos como estes a que acaba de assistir que contam na vida das pessoas, e que não há sacrifícios, não há desilusões, não há mágoas que ainda possam contar, depois de uma tal manifestação de apoio e confiança.

Disse o senhor Presidente estar profundamente reconhecido a todos os senhores Vogais pelo espírito que lhe transmitiram nesta sessão através das palavras que pronunciaram.

Para além do trabalho que se realizou e que lhe dá a grande satisfação de merecer a aprovação deste Conselho, desejaria que o agradecimento do Conselho se resumisse nas palavras que foram ditas.

Não há nada que lhe possa dar mais satisfação pessoal do que as palavras que acabou de ouvir dos ilustres membros deste Conselho Municipal, dos representantes das forças vivas do concelho, dos representantes da sua população, afinal daqueles a quem interessa mais a actuação da Câmara.

E é essa aprovação e essas palavras que, para além da aceitação da orientação dada à Câmara, traduzem incentivo e apoio, que constituem para ele, senhor Presidente, aquele momento alto que todo o homem pode desejar na função que desempenha.

Está-lhes muito grato e como o senhor Engenheiro Carlos Teixeira disse, era-lhe muito difícil intervir no assunto que o Conselho resolveu abordar no decurso desta sessão já porque naturalmente é avesso às exteriorizações e entende que o que conta é atingir o objectivo, o que se procura realizar. O que conta é o sentimento das pessoas perante a obra que se realiza e esse ficou bem expresso nesta sessão.

Gostaria, por isso, dentro desta ordem de ideias, que, se os membros deste Conselho quiserem insistir no seu propósito, lhe dêem a possibilidade, que aceita totalmente, de em franca confraternização e como consequência natural das lutas que nesta Câmara se travam a bem do concelho; como traço de união entre todos os que têm a responsabilidade do futuro deste concelho, se reunissem amigàvelmente, familiarmente, num jantar que lhe daria o melhor dos prazeres por ser feito na companhia de tão ilustres e amigas pessoas.

Tudo quanto passe para além desse âmbito restrito de família, confessa que é naturalmente contrário ao seu sentir.

Não pode também deixar de agradecer ao Conselho a intenção com que pretende transmitir aos elementos a quem cabe a responsabilidade do Governo do nosso país e do nosso distrito, os sentimentos de apoio que o Conselho nutre pela presidência da Câmara e os desejos de continuidade que através desse apoio e iniciativa, procura por em evidência.

O senhor Engenheiro Manuel Simões Pontes disse que pedia ao senhor Presidente desculpa por esse objectivo do Conselho, na medida em que, se tal se vier a dar como é desejo de todos os aveirenses, o que obterá são mais trabalhos e mais encargos.

O senhor Presidente respondeu dizendo que não tem nada que lhes pedir desculpa, embora tenham toda a razão ao pensar que não é tarefa desejável antes pelo contrário, mas sente-se extremamente honrado quando verifica que os homens responsáveis do Conselho lhe dão a consideração de o julgarem útil ao concelho de Aveiro.

Como sabem, o seu mandato está prestes a terminar e julga que, embora agradecendo sensibilizadíssimo, a atitude e o espírito deste Conselho Municipal, ele, Conselho, não deve fazer nada que possa influenciar a decisão que vier a ser tomada por quem de direito, na altura oportuna, até mesmo porque, não sabe, se ao concelho de Aveiro, realmente convirá que seja ele, senhor Presidente, que permaneça neste lugar ou se antes para aqui deverá vir outra pessoa mais capaz e mais apta a satisfazer o interesse e o futuro do concelho.

São realmente assuntos melindrosos, rodeados de várias circunstâncias que devem recomendar prudência na sua apreciação e desejaria realmente que quem tiver de decidir sobre esse assunto o possa fazer livremente sem qualquer pressão, por forma a fazer o que entender mais conveniente, para os interesses do Concelho.

Agadece muito sensibilizado a todos a sua atitude e para além do mais, o sentimento que lhes expressaram e que para ele, senhor Presidente, é o que vale e aquilo que realmente apaga tudo o que possa ter lastimado, até este momento, no desempenho das suas funções.

Para se encerrar esta sessão resta cumprir a formalidade da votação do Plano Director, por tanto, põe à votação do Conselho o Plano Director da Cidade, sendo o mesmo aprovado por unanimidade e por aclamação.

E não havendo mais assuntos a tratar, o senhor Presidente declarou a sessão encerrada, da qual se lavrou a presente acta que foi aprovada e vai ser assinada por todos os senhores Vogais depois de lida em voz alta, pom mim, Dário da Silva Ladeira, Chefe da Secretaria, que a subscrevo. — (Assinados) — Henrique Álvaro Pires de Mascarenhas, João Nunes Ferreira Salgueiro, Jorge Pereira Campos Mourão de Mendonça Corte-Real, Carlos Gamelas Gomes Teixeira, Carlos Marques Mendes, João de Pinho Brandão, Joaquim Adriano de Almeida Campos Amorim, Joaquim Maria Galante, Joaquim Ribeiro Breda, José Ferreira de Almeida, José Gamelas Júnior, Manuel Simões Pontes e Severim Francisco Marques.

Está conforme.

Secretaria da Câmara Municipal de Aveiro, aos vinte e três dias do mês de Janeiro de mil novecentos e sessenta e cinco.

O Chefe da Secretaria,

Mário da Silva Ladeira

A CIDADE

A Nova Sede do Clube dos Galitos

Terminado o prazo para apresentação de propostas para a obra da construção da nova sede do prestigioso Clube dos Galitos, os trabalhos foram agora adjudicados ao construtor aveirense sr. Manuel dos Santos Moreira, pela importância de 980 contos.

A obra terá de ficar concluída dentro de vinte e um meses, começando os trabalhos já em Fevereiro, com a demolição do prédio — com frentes para a Rua de João Mendonça e Praça do Dr. Joaquim de Melo Freitas — adquirido pelo Galitos para as suas instalações sociais.

83.º Aniversário dos «Bombeiros Velhos»

A prestigiosa Associação Humanitária dos Bombeiros Voluntários de Aveiro comemora hoje, amanhã e segunda-feira o seu octogésimo terceiro aniversário, promovendo as cerimónias constantes do programa que a seguir indicamos:

Sábado, 30 de Janeiro

Às 21.30 horas — Na sede, baptismo do novo pronto-socorro auto-tanque de nevoeiro a alta pressão «Dr. Manuel Louzada», pelo sr. D. Manuel de Almeida Trindade, Bispo de Aveiro.

Às 22 horas — No salão nobre, entrega de machados e imposição de capacetes aos novos bombeiros da corporação, pelas suas próprias mães; condecoração de bombeiros, por antiguidade de serviço; e sessão solene, presidida pelo Chefe do Distrito, em que usará da palavra o distinto advogado portuense sr. Dr. Araújo Barros.

Assistem a estas cerimónias o Inspector do Serviço de Incêndios da Zona Norte, sr. Tenente-coronel Alexandre de Magalhães, o Presidente da Liga dos Bombeiros Portugueses e as diversas entidades oficiais citadinas.

Domingo, 31 de Janeiro

Às 9.30 horas — Na sede, hastear da Bandeira, ante formatura geral do Corpo Activo.

Às 10 horas — Na igreja de Jesus, missa de sufrágio por alma dos bombeiros e sócios protectores falecidos, celebrada pelo Rev.º Padre Manuel Caetano Fidalgo, Capelão da Corporação. No final do piedoso acto, efectua-se uma romagem de saudade aos cemitérios da cidade.

Segunda-feira, 1 de Fevereiro

Às 20 horas — Na sede, jantar de confraternização, por inscrição entre sócios dos «Bombeiros Velhos».

Criança atropelada por um automóvel

No último sábado, perto da passagem de nível de Esgueira, o automóvel ligeiro PO-21-10, conduzido pelo sr. José Augusto de Almeida Baptista, comerciante de Aguada de Cima (Águeda), colheu a menor Susana Marques Lourenço, de 4 anos — que ficou com graves ferimentos e fracturas, pelo que teve de ficar internada no Hospital de Santa Joana, para onde foi conduzida.

A P.V.T. tomou conta da ocorrência.

A «sereia» tocou...

Na terça-feira, deflagrou um incêndio numa casa de arrecadações dos armazéns da firma Pedrosa & Tavares, na Rua de José Luciano de Castro, em Esgueira.

O fogo irrompeu com violência, mas veio a sér dominado pelos bombeiros das duas corporações da cidade, que prontamente compareceram no local e evitaram que as chamas se propagassem às casas vizinhas, como esteve prestes a suceder.

Sindicato Nacional dos Empregados de Escritório

O Sindicato Nacional dos Empregados de Escritório do Distrito de Aveiro, dentro de um louvável programa de auxílio aos seus associados, tem vindo a conceder-lhes livros para o ensino primário e atribuir-lhes subsídios pecuniários para frequência no ensino secundário e nos cursos de ginástica ministrados no Distrito.

A Direcção deste organismo, em reunião recente, deliberou aumentar os aludidos subsídios e criar um novo benefício — concedendo aos seus sócios efectivos um subsídio de 50 % sobre o custo da estadia dos seus filhos (de idade até aos 12 anos), em Colónias de Férias da F. N. A. T., quando acompanhados de seus pais.

No próximo mês de Fevereiro, a Direcção do Sindicato dos Empregados de Escritório distribuirá pelos seus sócios um opúsculo elucidativo desta nova iniciativa.

Posse do novo Subdelegado do I. N. T. P.

Em cerimónia presidida pelo Delegado em Aveiro do I. N. T. P., sr. Dr. Fernando Ruy Corte-Real Amaral, foi há dias empossado no cargo de Subdelegado daquele organismo o sr. Dr. Miguel José de Almeida Pupo Correia.

Presidente da Caixa de Previdência de Aveiro

Foi designado para o cargo de Presidente da Caixa de Previdência do Distrito de Aveiro o sr. Dr. Augusto Soares Coimbra que há cinco anos exercia o cargo de Delegado em Santarém do I. N. T. P., e foi há dias alvo de expressiva homenagem de despedida naquela cidade ribatejana.

Aniversário

No próximo dia 4, completa o seu 1.º aniversário, a menina Elda Maria da Costa e Melo Guimarães, filha da Sr.ª D. Fernanda Maria da Costa e Melo Guimarães e do Sr. Custódio Guimarães, ausentes em Benguela (Angola).

Cartaz de Espectáculos

Cine-Teatro Avenida

Sábado, 30 — às 21.30 horas — 12 anos.

Programa duplo, com os filmes: **Território Fora da Lei** - com Joanne Dru, Mac Donald Carey, John Ireland e Stuart Randal; e **Escola de Vagabundos** — com Pedro Infante e Miroslava.

Domingo, 31 — às 15.30 e às 21.30 horas — 17 anos.

A Pantera Cor de Rosa — com David Niven, Peter Sellers, Robert Wagner, Capucine e Claudia Cardinale.

Terça-feira, 2 de Fevereiro — às 21.30 horas — 17 anos.

4 no Texas — com Frank Sinatra, Dean Martin, Anita Ekberg e Ursula Andress.

Faleceram:

Cap. Joaquim José Santana

No dia 14, faleceu o sr. Capitão Joaquim José Santana, figura muito considerada e estimada em Aveiro. O saudoso extinto, depois de se reformar no Exército, em 1925, exerceu o lugar de tesoureiro da Caixa Geral de Depósitos, durante um quarto de século.

Deixou viúva a sr.ª D. Virgínia Nogueira Santana; era pai do sr. Manuel Nogueira Santana; e sogro da sr.ª D. Maria Gamelas Santana.

Francisco Marques Simões

Também em 14, faleceu o proprietário sr. Francisco Marques Simões, que deixou viúva a s.ª D. Ursulina Dias Marques Simões e era primo dos srs. António Ferreira Leite Pais, casado com a sr.ª D. Ermelinda Vidal Leite Pais, e José Ramos, casado com a sr. D. Guilhermina Vidal Ramos.

D. Isabel Marcos de Carvalho

Faleceu no dia 17 a sr. D. Isabel Marcos de Carvalho, tia da sr.ª D. Maria da Anunciação Moreira de Carvalho e do sr. Augusto Moreira de Carvalho.

D. Amícia de Oliveira Freitas

Em 19, faleceu a sr. D. Amícia de Oliveira Freitas, que deixou viúvo o industrial sr. Júlio Pereira Campos; e era mãe dos srs. Francisco e José Campos Oliveira.

Às famílias enlutadas os pêsames do LITORAL

JOÃO ANTÓNIO DE MORAIS SARMENTO

Missa do 1.º Aniversário

Ocorre amanhã, 31 de Janeiro, o primeiro aniversário do falecimento do saudoso João António de Morais Sarmento, mandando os seus familiares rezar missa de sufrágio no dia imediato (1 de Fevereiro), pelas 8 horas, na igreja da Vera-Cruz.

Para o piedoso acto, convidam-se todas as pessoas das relações do saudoso e querido finado.

SECRETARIA NOTARIAL DE AVEIRO

Segundo Cartório

LICENCIADO EM DIREITO - Henrique de Brito Câmara

Certifica-se, para efeitos de publicação, que por escritura de vinte e oito de Dezembro de mil novecentos e sessenta e quatro, lavrada de folhas nove a folhas doze, verso, do competente livro número B – quarenta e cinco, das notas do Segundo Cartório desta Secretaria, foi aumentado o capital da sociedade comercial por quotas de responsabilidade limitada sob a denominação «Agência Comercial Ria, Limitada», com sede nesta cidade de Aveiro e escritório na Rua Conselheiro Luís de Magalhães, número quinze, de um milhão de escudos para dois milhões de escudos, tendo, também, consequentemente, sido alterado o artigo quarto do pacto social, o qual passou a ter a seguinte redacção:

«Artigo quarto — O capital social é de dois milhões de escudos, já integralmente realizado em dinheiro, e correspondente à soma das quotas dos sócios, que são as seguintes: — Engenheiro Carlos Gamelas Gomes Teixeira, uma quota de seiscentos e vinte e seis mil escudos; Arquitecto Anselmo Gamelas Gomes Teixeira, uma de trezentos e trinta e seis mil escudos; D. Maria de Lurdes Gamelas Gomes Teixeira, uma de trezentos e trinta e seis mil escudos; D. Maria Egemínia Gamelas Gomes Teixeira Soares, uma de trezentos e trinta e seis mil escudos; D. Júlia Gamelas Gomes Teixeira de Melo Sereno, uma de trezentos e trinta e seis mil escudos; e, Nuno Vasco da Gama de Medeiros Greno, uma de trinta mil escudos».

E' certificado que extraí e vai de conformidade com o original a que me reporto.

Aveiro, Secretaria Notarial, vinte de Janeiro de mil novecentos e sessente e cinco.

O Ajudante da Secretaria,

Celestino de Almeida Ferreira Pires

Litoral ★ N.º 534 ★ Aveiro, 30-1-965

SECRETARIA NOTARIAL DE AVEIRO

Primeiro Cartório

LICENCIADO — Joaquim Tavares da Silveira

Certifica-se, narrativamente, que por escritura de dezasseis de Janeiro de mil novecentos sessenta e cinco, de folhas trinta e sete a folhas quarenta, verso, do livro próprio número cento trinta e cinco-B — para escrituras diversas, do arquivo deste Primeiro Cartório, foi dissolvida a sociedade comercial por quotas, de responsabilidade limitada sob a firma «Sameiro Costa & C.ª, L.da», com sede e domicílio e estabelecimento nesta cidade de Aveiro, à Avenida Dr. Lourenço Peixinho, número noventa e quatro (loja nove da Travessa do Mercado; e, em liquidação e partilha, todo o activo e passivo social, ou seja o estabelecimento comercial - social «Zigue - Zague» (únicos valores sociais) foi adjudicado ao ex-sócio Mário Reis Pedreiras, casado, com D. Maria Isaura Simões da Costa, natural daquela freguesia de Bustos, residente nesta cidade, na Rua de Sá, número catorze - primeiro, direito, comerciante.

E' certidão narrativa que vai conforme ao original na parte transcrita a que me reporto e na parte omitida, nada há que amplie, restrinja, modifique ou condicione a parte transcrita.

Aveiro, Secretaria Notarial, vinte e dois de Janeiro de mil novecentos sessenta e cinco.

O Ajudante da Secretaria,

Celestino de Almeida Ferreira Pires

Litoral ★ Ano XI ★ 30-1-965 ★ N.º 534

SECRETARIA NOTARIAL DE AVEIRO

Primeiro Cartório

Licenciado: Joaquim Tavares da Silveira

Certifica-se, narrativamente, que por escritura de vinte e um de Dezembro de mil novecentos e sessenta e quatro, lavrada de folhas vinte e uma a folhas vinte e três, verso, do livro próprio Número cento e trinta e quatro-B, deste cartório, foi alterado o Artigo Primeiro do Pacto Social, da Sociedade Comercial por Quotas «Aires & Marques, Limitada» com sede nesta cidade de Aveiro, à Rua Coimbra, nove, na parte referente à firma, dada a saída do sócio, Aires Marques de Lemos, passando o Artigo a ter a seguinte redacção:

Artigo Primeiro — A sociedade adopta a firma «Aires & Pires, Limitada» — tem a sua sede e estabelecimento na Rua Coimbra, número nove, desta cidade de Aveiro, e durará por tempo indeterminado.

É certidão narrativa que vai conforme ao original na parte transcrita a que me reporto e na parte omitida nada há que amplie, restrinja, modifique ou condicione a parte transcrita.

Aveiro, Secretaria Notarial, vinte e oito de Dezembro de mil novecentos e sessenta e quatro.

O Ajudante da Secretaria,

Celestino de Almeida Ferreira Pires

Litoral ★ Ano XI ★ N.º 534 ★ 30-1-1965

Na morte de Churchill

Continuação da 2.ª página

ropeu na qualidade de Membro Permanente do Conselho em termos de igualdade perfeita; em Dezembro, acompanhado de Eden, foi de avião à Grécia, na esperança de que se acabasse com os combates que se estavam travando naquele país. Em Fevereiro de 1945, foi a Ialta para estudar com Roosevelt e Estaline os planos para a vitória final e regular a futura ocupação da Alemanha, as fronteiras e o Governo da Polónia, o destino das outras zonas libertadas e delinear a organização mundial.

Em Março, visitou, por duas vezes, os exércitos aliados na Alemanha, Bélgica e Holanda e em Julho assistiu à Conferência das três Potência em Potsdam.

*

As viagens de Churchill durante a guerra foram apenas um aspecto do grande esforço que ele dispendeu para a vitória dos exércitos aliados. Entre 1940 e 1945 não foi só Primeiro Ministro, mas também Ministro da Defesa; na pasta da Defesa inaugurou um sistema novo pelo qual a autoridade, quanto às actividades militares, pertencia ao Ministro. Os Chefes do Estado Maior além de apresentarem os seus relatórios aos Ministros respectivos — Ministério da Guerra, Ministério da Aviação e Almirantado — comunicaram directamente com ele que, nessa qualidade de Ministro da Defesa, presidia à Comissão da Defesa, o organismo supremo na direcção da Guera. Como Ministro da Defesa, procurou sempre animar e estimular todos aqueles que agiam sob as suas ordens e fazia tudo o que podia para os libertar de quaisquer obstáculos ou impecilhos que os embaraçassem no cumprimento dos seus deveres. Churchill considerou sempre que a iniciativa é essencial na guerra e tudo quanto fossem invenções prometedoras merecia o seu decidido apoio. Por exemplo os projectos «Mulberry» — um porto artificial feito de cubos ocos de betão, que foram rebocados através do Canal da Mancha para os desembarques na Normandia — e «Pluto» — um oleoduto estabelecido através do Canal da Mancha para abastecimento de gasolina às tropas Aliadas desembarcadas na Normandia — foram executados graças à sua iniciativa e ao seu espírito de realização e desempenharam um papel decisivo nas operações anfíbias de apoio ao desembarque na Normandia, em 1944.

No entanto, apesar do imenso poder que lhe foi confiado durante a Guerra e apesar das tremendas responsabilidades que pesavam sobre os seus ombros, Churchill continuou a ser um grande parlamentar e a figura mais destacada da Câmara dos Comuns. Ele costumava dizer: «Sou filho da Câmara dos Comuns da qual sou o servidor», expressão absolutamente verídica como foi confirmado por numerosas testemunhas.

John Winant, que foi Embaixador dos Estados Unidos em Londres, referiu-se a Churchill no seu livro «A Letter from Grovesnor Square», dizendo: «O génio de Churchill reside na sua capacidade de «leader» democrático... Compreendeu inteiramente as restrições que é necessário acatar para exercer o poder soberano confiado pelo Parlamento».

Teve sempre em mente que os regulamentos e o regimento da Câmara são salvaguardas contra o poder discricionário.

O seu profundo conhecimento da História parlamentar indicava-lhe claramente que a acção da Câmara representa o lento progresso humano no caminho que conduz à legalidade governativa. Nunca hostilizou os princípios parlamentares... manteve-se sempre em guarda contra os abusos de poder».

Acabou a guerra e Churchill, que tinha sido Primeiro Ministro durante 5 anos e tinha conduzido o seu país, através de perigos mortais, à vitória, aceitou sem um queixume a decisão do eleitorado que decidiu pôr no poder um Governo trabalhista. Ao abandonar a pasta, afirmou: «A decisão do povo britânico é expressa pela votação de hoje. Deponho, portanto, a pasta que me foi confiada em tempos mais difíceis. Apenas me resta exprimir ao povo britânico a minha profunda gratidão pelo apoio que me prestou sem vacilar durante o tempo em que exerci o meu cargo e pelas muitas expressões de bondade que dispensou ao seu servidor».

De 1945 a 51, Churchill foi o «leader» da oposição no Parlamento o que lhe permitiu continuar a ter alguma influência sobre os assuntos de política interna do país. Mas durante esses seis anos, a sua influência fez-se sentir ainda mais nos assuntos de política externa, tendo contribuido notàvelmente em todos os assuntos de importância. Na opinião de Churchill, a unidade Anglo-Americana e a colaboração entre os países da Europa, seriam influências estabilizadoras do mundo devastado pela guerra e, como um verdadeiro estadista mundial, dedicou a sua energia e entusiasmo a alcançar esses objectivos.

Em Março de 1946, pronunciou um discurso de verdadeira importância histórica em Fulton, no Estado de Missouri, no qual expôs a política da paz pela força baseada na «associação fraternal dos povos de língua inglesa». As opiniões expostas neste discurso foram recebidas com aclamações de ambos os lados do Atlântico; e há muita gente que sustenta que esta política, que foi adoptada pelos Governos da Grã-Bretanha e dos Estados Unidos, teve um valor inestimável na manutenção da paz numa grande percentagem dos países do mundo. Churchill foi o primeiro entre os estadistas europeus a defender a ideia duma Europa unida cuja união se alicerçasse na experiência e nos valores comuns. A oferta que ele fez à França em 1940 de uma união Franco-Britânica com cidadania comum, embora parecesse, nessa época, um expediente desesperado, estava realmente de acordo com o seu pensamento sobre o futuro; durante os anos da Guerra, ele continuou incansàvelmente a defender a necessidade urgente de se estabelecer uma organização mundial que garatisse a paz e a segurança. Depois da Guerra, pronunciou uma série de importantes discursos nos Parlamentos da Bélgica e da Holanda, em Zurique, na Suíça, e em Londres e ainda na sua qualidade de Presidente do Congresso da Europa, na Haia, que o tornaram o «leader» do movimento oficioso para a organização da União Europeia. O grande progresso até aqui realizado pelos Países da Europa Ocidental estabelecendo organizações internacionais, nas esferas da política, da defesa, e dos valores económicos, sociais e culturais é em grande parte devido à clarividência de Winston Churchill nos anos que se seguiram à Guerra.

No entanto, os triunfos políticos que conseguiu obter na esfera internacional, não foram os únicos êxitos que Churchill alcançou durante o tempo que esteve afastado do Governo. A sua reputação expandiu-se nas Letras e na Arte — entre 1945 e 1951, publicou 4 volumes da sua História da Segunda Guerra Mundial (o 5.º e 6.º volumes foram publicados em 1952 e em 1954, respectivamente) e expôs muitos dos seus quadros na Royal Academy; foi sempre a figura central de todos os grandes acontecimentos desse período e, sempre que se deslocava ao estrangeiro, era recebido da maneira mais calorosa possível.

Chegamos ao ano de 1951, durante o qual uma das maiores ambições da sua longa vida política foi realizada. Nas Eleições Gerais desse ano, o Partido Conservador obteve a maioria dos votos e regressou ao Governo com Winston Churchill mais uma vez como Primeiro Ministro — desta vez em virtude da maioria eleitoral e não devido a circunstâncias especiais e extraordinárias como foi durante a Gerra.

Em Dezembro de 1951 Winston Churchill falou para a Nação através dos microfones da B.B.C. afirmando: «Agora que estou à frente do Governo vou trabalhar ardentemente em colaboração com os nossos Aliados a favor da Paz». Para cumprir essa promessa, deslocou-se às Bermudas, em Dezembro de 1953, para estudar, conjuntamente com o Presidente dos Estados Unidos e com o Presidente do Conselho de Ministros da França, os diversos problemas que os três países têm de enfrentar e as medidas essenciais para se chegar à solução desses problemas; em Junho de 1954, visitou Washington, acompanhado pelo Ministro dos Negócios Estrangeiros, do seu Governo, Sir Anthony Eden, para trocar impressões com o Presidente Eisenhower sobre todos os assuntos correntes de maior importância; em Setembro de 1954, empregou toda a sua influência para encorajar e apoiar a Conferência das Noves Potências em Londres, durante a qual o Governo Britânico se comprometeu a manter permanentemente forças armadas no continente Europeu, a fim de nas palavras de Sir Anthony Eden, «fazer renascer a confiança no Continente Europeu e tornar possível que sejamos nós a dar o exemplo da unidade ao mundo».

Em Abril de 1955, poucos meses depois de ter celebrado o 80.º aniversário natalício, Sir Winston demitiu-se do cargo de Primeiro Ministro.

Segundo a tradição, ele poderia ter entrado para a Câmara dos Lordes, recebendo um título nobiliárquico, mas ele proferiu continuar na Câmara dos Comuns; de facto, nas Eleições Gerais realizadas em Maio de 1955, foi eleito novamente e, no dia da abertura do novo Parlamento, foi alvo duma homenagem na qual os deputados de todos os Partidos políticos lhe testemunharam provas inconfundíveis de afecto e entusiasmo, homenagem esta sem precedentes na história parlamentar da Grã-Bretanha.

Por ocasião da sua demissão, recebeu numerosas homenagens vindas de toda a parte do mundo. Na Câmara dos Lordes, Lord Salisbury referiu-se a Sir Winston como «um Primeiro Ministro cuja acção ficará para sempre gravada na memória dos homens e que viverá nos seus corações enquanto a Grã-Bretanha viver». Continuando o seu discurso, Lord Salisbury rendeu homenagem aos «dotes transcendentes» de Sir Winston e definiu as suas três grandes qualidades: «a primeira das quais é a indomável coragem, que lhe permitiu levantar a Nação até ao seu próprio nível durante os mais negros dias da guerra... A segunda é a faculdade de humanissimamente formar as suas opiniões em todas as circunstâncias que tenha de enfrentar. A terceira é a sua paixão pela liberdade e por tudo quanto faz parte da liberdade. Estas três qualidades elevaram-no a eminentíssima posição que ocupa no momento presente em todo o mundo civilizado».

O Sr. Menzies, Primeiro Ministro do Governo da Austrália, pronunciou um discurso no qual se referia a Sir Winston, nos seguintes termos: «Ele é, no verdadeiro significado da palavra, um grande homem, e eu acredito firmemente que ele é o maior de todos no nosso tempo».

O Sr. St. Laurent, Primeiro Ministro do Canadá, pronunciou um discurso sobre Sir Winston no qual rendeu homenagem às suas qualidades de Chefe «que, durante tantos anos, inspirou e deu coragem a todos os povos da Comunidade de Nações Britânicas e até mesmo de todo o mundo».

Na Alemanha, o Dr. Adenauer, Chanceler da República da Alemanha Federal, pronunciou no Parlamento um discurso em honra de Sir Winston no qual afirmou: «Churchill... personifica o espírito do Mundo Ocidental no nosso tempo. O facto do Mundo Ocidental viver em liberdade é uma das grandes obras de Sir Winston».

Da Noruega veio o seguinte elogio: «Não só deu forma e escreveu páginas de História, mas ele mesmo é História».

Os anos que se seguiram à sua aposentação foram aproveitados para a publicação da última obra literária de Sir Winston Churchill — «A History o English Speaking People» da qual o 4.º e último volume foi posto à venda em princípios de 1958.

Em 1953, Winston Churchill foi condecorado com a Ordem da Jarreteira com o grau de Cavaleiro. Nesse mesmo ano, recebeu o prémio Nobel da Literatura, «pelos seus magistrais trabalhos históricos e biográficos e pela sua brilhante oratória com a qual defendeu os valores da dignidade humana». Anteriormente já tinha recebido muitas honrarias tanto no seu próprio país, como em países estrangeiros. Em 1913, foi elevado à dignidade de «Elder Brother» de «Trinity House» e em 1941 à de «Lord Warden of the Cinque Ports». Era Chanceler da Universidade de Bristol e Doutor Honoris Causa em várias Universidades Britânicas e Estrangeiras. Era cidadão honorário de inúmeras cidades, vilas e concelhos; «Liveryman of the Mercers' Company»; membro honorário da «Shipwrights' Company», advogado honorário de Gray's Inn; Coronel de vários regimentos; membro honorário de muitas e variadas associações profissionais e entidades públicas. Entre as suas condecorações estrangeiras, citam-se as de: Cavaleiro da Ordem do Elefante, da Dinamarca; Medalhas de Ouro das cidades de Nova York, Amesterdão, Roterdão; Grã Cruz com Cadeia da Ordem de Santo Olavo, Noruega; Medalha da Libertação da Dinamarca; Medalha Militar da França; Cruzes de Guerra Francesa e Belga com Palma; Emblema de piloto da Aviação Norte Americana; Medalha Grotius da Holanda, pelos seus esforços a favor da paz.

Em 1908, Winston Churchill casou-se com a filha do falecido Coronel Sir H. M. Hozier, K.C.B., Terceiro Regimento dos Dragões da Guarda e de Lady Blanche Ogilvy, filha do nono Conde de Airlie. Tiveram um filho, Randolph Churchill e três filhas: Diana, casada com o Sr. Duncan Sundays, deputado da Nação; Sarah, viúva de Anthony Beauchamp e Mary, casada com Christopher Soames, deputado da Nação.

E. B.

Basquetebol

Continuação da última página

Jogos da terceira jornada:

HOJE

Sp. Figueirense — Esgueira
Ginásio — Centro Universitário
Galitos — Olivais
Sangalhos — Leça

AMANHA

Fluvial — Educação Física
Sporting das Caldas — Gaia

Campeonato de Aveiro

JUNIORES

Resultados da 9.ª jornada

Illiabum, 154 — Sanjoanense, 8
Sangalhos, 28 — Esgueira, 31

INFANTIS

Resultados da 9.ª jornada

Juventude, 19 — Galitos, 32
Illiabum, 49 — Sanjoanense, 11
Sangalhos, 20 — Esgueira, 18
Asilo, 12 — Amoníaco, 58

Totobolando

PROGNÓSTICO DO CONCURSO N.º 22 DO TOTOBOLA

7 de Fevereiro de 1965

N.º	EQUIPAS	1	X	2
1	Braga - Académica			2
2	Belenenses - C. U. F.	1		
3	Porto - Sporting	1		
4	Varzim - Lusitano	1		
5	Setúbal - Guimarães	1		
6	Seixal - Torriense	1		
7	Lamas - Marinhense	1		
8	Vila Real - Feirense	1		
9	Peniche - Covilhã	1		
10	Beira-Mar - Salgueiros	1		
11	C. Piedade - Farense	1		
12	Sintrense - Atlético		x	
13	Luso - Leões	1		

BASQUETEBOL

Campeonatos Nacionais

I DIVISÃO

Os desafios da terceira jornada forneceram os desfechos que a seguir indicamos:

Sanjoanense — Guifões . . . . . . 59 - 37
Vasco da Gama — Illiabum . . . 50 - 48
Porto — Académica . . . . 61 - 46
Marinhense — Naval . . . . 36 - 24

Somaram terceiro êxito consecutivo o Porto e o Vasco da Gama — que continuam emparceirados no comando, beneficiando da primeira derrota sofrida pelo Illiabum.

A ronda foi cem por cento favorável aos grupos visitados, ressaltando antes de tudo o facto dos campeões leirienses terem conquistado a sua primeira vitória na prova.

Nos outros prélios, a Sanjoanense impôs-se, naturalmente e com relativa facilidade, a um adversário aguerrido, que equilibrou a marcação durante toda a metade inicial (21-19); e os portistas ganharam folgadamente a uma Académica, que confirmando as nossas previsões, se apresenta com um *cinco* que consideramos o menos forte das últimas épocas.

Resta falar do Vasco da Gama — Illiabum. Os vascaínos apenas lograram uma *cesta* de avanço, tendo triunfado com facilidade e «amparados» pelo caseirismo dos árbitros... Os rapazes de Ílhavo, que continuam a actuar sem Amadeu Cachim, deram excelente prova da sua capacidade e podiam ter vencido. Ao intervalo, comandavam a marcação (22-18)...

A tabela classificativa ficou assim elaborada:

	J.	V.	D.	Bolas	P.
Porto	3	3	—	182-111	6
V. Gama	3	3	—	151-129	6
Illiabum	3	2	1	148-115	5
Sanjoanense	3	2	1	167-163	5
Académica	3	1	2	149-155	4
Marinhense	3	1	2	83-120	4
Naval	3	—	3	135-172	3
Guifões	3	—	3	113-163	3

O campeonato tem esta noite a sua quarta jornada, que engloba, pelas 21.30 horas, os seguintes encontros:

Vasco da Gama — Marinhense
Guifões — Porto
Illiabum — Sanjoanense
Académica — Naval 1.º de Maio

II DIVISÃO

A segunda jornada concluiu com os seguintes resultados, nos desafios da Zona Norte:

Subsérie A-1

Esgueira — Fluvial . . . . 38 - 28
Sp. Caldas — Educação Física . . 29 - 39
Gaia — Sporting Figueirense . . . . 38 - 29

Subsérie A-2

Sangalhos — Olivais . . . . 50 - 33
Centro Universitário — Galitos . 32 - 16
Leça — Ginásio Figueirense . . . 46 - 30

Após o segundo dia da prova, ficaram apenas três equipas sem derrotas, enquanto igual número de concorrentes se encontra sem qualquer triunfo.

De assinalar, nos últimos encontros, o expressivo triunfo da turma da Senhora da Hora nas Caldas da Rainha; e a diminuta pontuação que o Galitos obteve na sua saída ao Porto: 16 pontos!

As tabelas de pontos ficaram assim ordenadas:

Subsérie A-1

	J.	V.	D.	Bolas	P.
E. Física	2	2	—	94-70	4
Gaia	2	2	—	62-52	4
Sp. Figueir.	2	1	1	83-72	3
Esgueira	2	1	1	79-83	3
Fluvial	2	—	2	51-62	2
Sp. Caldas	2	—	2	63-93	2

Subsérie A-2

	J.	V.	D.	Bolas	P.
Sangalhos	2	2	—	75-56	4
Leça	2	1	1	84-70	3
C. Universitár.	2	1	1	63-50	3
Galitos	2	1	1	56-70	3
Olivais	2	1	1	64-81	3
Ginásio	2	—	2	53-71	2

Esgueira, 38 — Fluvial, 28

Jogo no Campo da Alameda, sob a arbitragem dos srs. Manuel Bastos e Albano Baptista.

Os grupos apresentaram-se assim constituídos:

ESGUEIRA — Ravara 0-4, Figueira 1-0, José Luís Pinho 2-11, César 5-4, Salviano 1-10 e Paroleiro.

FLUVIAL — Silva, Mendes 4-4, Oliveira 0-2, Costa 2-3, Bandeira 4-0, Vale 5-2 e Pires 0-2.

1.ª parte: 9-15. 2.ª parte: 29-13.

Os fluvialistas comandaram a marcação, durante largo período, mercê dum começo mais certo e feliz. Os esgueirenses, igualando a meio da segunda parte (24-24), tiveram depois melhor ponta final, ganhando jus a um avanço substancial.

Centro Universitário, 32 — Galitos, 16

Jogo no Estádio Universitário, sob arbitragem dos srs. Domingos Barbosa e João Cardoso.

Os grupos alinharam com estas formações:

C. UNIVERSITARIO — Marta da Cruz 6, Meneses 2, Vaz 9, Cavaco 4, Espírito Santo 2, Nuno 2, Alão 7, Plácido, Mayer e Pedro.

GALITOS — Albertino, Robalo 8, Hernâni 2, Cotrim 2, Vitor 4, Pires 2 e Bio.

1.ª parte: 13-10. 2.ª parte: 19-6.

Partida decepcionante de dois grupos ex-primodivisionários na época passada, com vitória certa da turma menos má.

Continua na página 7

FUTEBOL

Campeonato Nacional da II Divisão

No passado domingo, apenas houve um jogo, para acerto do calendário, e aproveitando a paragem originada pela realização do Portugal-Turquia.

FAMALICÃO, 3 — BOAVISTA, 1

Foi o desfecho do prélio, que guindou os minhotos ao sexto lugar da tabela classificativa, enquanto os axadrezados permaneceram perto da zona dos grupos aflitos...

A actual classificação está assim ordenada:

TABELA DE PONTOS

Equipas	J.	V.	E.	D.	Bolas	P.
Beira-Mar	14	9	5	1	28-13	21
Salgueiros	14	6	7	1	19-8	19
Covilhã	14	7	3	4	29-17	17
Sanjoanense	14	6	5	3	18-11	17
Marinhense	14	6	5	3	13-13	17
Famalicão	14	6	4	4	16-17	16
Leça	14	6	3	5	27-18	15
Peniche	14	6	3	5	28-22	15
Lamas	14	4	5	5	15-25	13
Oliveirense	14	5	2	7	18-18	12
Boavista	14	4	3	7	19-22	11
Espinho	14	4	2	8	20-25	10
Feirense	14	3	4	7	18-25	10
Vila Real	14	0	3	11	12-47	3

Amanhã, no reatamento da prova, nova jornada palpitante, com este programa geral:

Salgueiros — Espinho (1-2)
Marinhense — Famalicão (0-0)
Boavista — Lamas (2-1)
Oliveirense — Sanjoanense (1-2)
Feirense — Leça (2-5)
Covilhã — Vila Real (2-0)
Beira-Mar — Peniche (1-4)

SUMÁRIO DISTRITAL

I DIVISÃO

Resultados da 18.ª jornada

Cesarense, 2 — P. Brandão, 2
Anadia, 2 — Alba, 1
Valecambrense, 4 — Esmoriz, 2
S. João de Ver, 1 — Ovarense, 0
Bustelo, 1 — Recreio, 2
Cucujães, 4 — Estarreja, 0
Arrifanense, 2 — Lusitânia, 2

Tabela classificativa

	J.	V.	E.	D.	Bolas	P.
Lusitânia . .	18	14	2	2	37-13	48
Valecambr. .	18	14	1	3	48-22	47
Recreio . .	18	13	0	5	38-19	44
Ovarense . .	18	9	3	6	26-16	39
P. Brandão .	18	7	7	4	33 25	39
Alba	18	8	3	7	38-19	37
Esmoriz . .	18	7	3	8	23-28	35
S. João Ver .	18	5	6	7	23 22	34
Anadia . . .	18	5	5	8	23 34	33
Arrifanen. .	18	6	2	10	19 28	32
Bustelo . . .	18	4	5	9	13 23	31
Cucujães .	18	4	4	10	13-31	30
Estarreja . .	18	2	6	10	20-40	28
Cesarense .	18	4	1	13	20-54	27

Juniores

Resultados da 17.ª jornada

SÉRIE A

Recreio, 3 — Anadia, 2
Mealhada, 9 — Vista Alegre, 0
Beira-Mar, 4 — Alba, 1
Sanjoanense (B), 3 — Espinho, 0
Ovarense, 1 — Estarreja, 1

SÉRIE B

Valecambrense, 0 — Cucujães, 0
Sanjoanense (A), 5 — Feirense, 1
Arrifanense, 3 — P. Brandão, 0
S. João de Ver, 0 — Oliveirense, 3
Bustelo, 6 — Cesarense, 2

Tabelas classificativas

Série A — Anadia e Recreio, 46 pontos; Mealhada, 42; Ovarense, 39; Beira-Mar, 34; Alba, 30; Espinho e Vista Alegre, 29; Sanjoanense (B), 26; Estarreja, 19.

Série B — Sanjoanense (A) e Oliveirense, 46 pontos; Bustelo, 42; Cucujães, 39; Feirense e Valecambrense, 29; P. de Brandão, S. João de Ver e * Cesarense, 25; * Arrifanense, 24.

* *Têm uma falta de comparência.*

Principiantes

Resultados da 12.ª jornada

SÉRIE A

Anadia, 1 — Alba, 3
Ovarense, 5 — Estarreja, 0
Beira-Mar, 4 — Mealhada, 0

SÉRIE B

Espinho, 5 — Cucujães, 1
Bustelo, 0 — Feirense, 2
Valecamb., 1 — Sanjoanense, 3
Oliveirense, 2 — Lamas, 0

Tabelas classificativas

Série A — Recreio, 27 pontos; Anadia, 25; Alba, 23; Ovarense, 20; Beira-Mar, 19; Mealhada, 18; * Estarreja, 11.

Série B — Sanjoanense e Cucujães, 29 pontos; Feirense, 27; Lamas e Espinho, 24; * Bustelo, 20; Valecambrense, e Oliveirense, 19.

* *Têm uma falta de comparência.*

ATLETISMO

IV Campeonato Distrital de Corta-Mato da F. N. A. T.

No pretérito domingo, como se anunciou nestas colunas, prosseguiu em Coimbra, nos terrenos em volta do Estádio Municipal, ao Calhabé, o IV Campeonato Distrital de Corta-Mato, prova organizada pela Delegação de Coimbra da F. N. A. T. para apuramento dos concorrentes ao Campeonato Nacional.

Voltaram a realizar-se duas provas, em que se apuraram estes resultados:

I CATEGORIA

1.º — José Sequeira Serrano, C. T. T., 25 m. 19,2 s.; 2.º — Álvaro Salvador de Sousa, individual, 25 m. 32,2 s.; 3.º — António Neves Peixoto, individual, 25 m. 33 s.; 4.º — Faustino Pardal Pais, C. T. T., 26 m. 18,2 s.; 5.º — Fernando da Conceição Bento, C.T.T.; 6.º — António Carlos Vieira Fernandes, individual.

II CATEGORIA

1.º — José Maria da Costa Seco, Ceira, 20 m. 14,5 s.; 2.º — Hermínio Canas Vieira, C. T. T. (equipa A), 20 m. 42,3 s.; 3.º — Claudino Monteiro da Mota, Celulose, 20 m. 49 s.; 4.º — António Fernandes dos Santos, Ceira, 21 m. 21 s.; 5.º — José Fernandes Gaspar, C. T. T. (equipa A), 21 m. 58 s.; 6.º — Armndo Vieira Seco, C. T. T. (equipa B); 7.º — António de Jesus Fernandes, Celulose; 8.º — João da Cunha da Silva Pereira, Celulose; 9.º — Arnaldo dos Santos Neves, Ceira; 10.º — Alfredo Pereira Dinis, C. T. T. (equipa A); 11.º — Carlos Alberto Tavares Pereira, C. T. T. (equipa B).

Amanhã, pelas 10 horas, e também em Coimbra, realiza-se a derradeira prova deste campeonato — decisiva para a ordenação final dos concorrentes de ambas as categorias.

VOLEIBOL

TAÇA DOS CLUBES CAMPEÕES EUROPEUS (FEMININOS)

No passado domingo, em Lyon (França), a equipa feminina do Sporting Clube de Espinho, campeã de Portugal, disputou a primeira «mão» da sua eliminatória para a Taça dos Clubes Campeões Europeus de Voleibol, defrontando a turma da Association Universitaire Lyonnaise, Campeã de França.

Como se esperava, as voleibolistas gaulesas venceram o encontro, por 3-0. Mas as espinhenses, indubitàvelmente a melhor formação portuguesa, deram boa réplica, apesar de terem feito uma viagem fatigante, de automóvel, em consequência dos nevões com que depararam no percurso.

Nos sets efectuados, as marcações parciais foram as seguintes: 15-8, 15-8 e 15-4.

Há grande interesse pelo encontro da segunda «mão» que se realiza em 7 de Fevereiro próximo, possivelmente no Pavilhão de Desportos de S. João da Madeira.

XADREZ DE NOTÍCIAS

Reingressou no Beira-Mar o futebolista aveirense Azevedo, que alinhou pelo Famalicão na época finda. Tendo-se iniciado no Beira-Mar, Azevedo jogou sucessivamente nos seguintes clubes: Benfica, Torriense, Vitória de Guimarães, Beira-Mar e Famalicão.

Na terça-feira, à noite, como estava anunciado, realizou-se, na sede da Comissão Distrital dos Árbitros de Futebol de Aveiro, a eleição para o preenchimento de duas vagas de vogais daquele organismo, a indicar pelos árbitros.

Foram submetidas a sufrágio três listas, apurando-se a seguinte votação: Augusto Dinis Pacheco e Manuel Simões da Fonte — 27 votos; José Gonçalves Mota e Manuel Simões da Fonte — 5 votos; e José Gonçalves da Mota e Manuel Guerreiro de Matos — 3 votos.

O futebolista Amílcar, que chegou a jogar oficialmente na primeira equipa do Beira-Mar, pediu a rescisão do contrato com o popular Clube, de quem ficou desligado.

A Tertúlia Beiramarense pede-nos para tornarmos público o seu vivo agradecimento a todas as entidades — oficiais e particulares — que possibilitaram a recente organização do NATAL DO ATLETA e dos festejos do 42.º aniversário do Beira-Mar, distinguindo especialmente os aveirenses ausentes nas nossas Províncias Ultramarinas e no estrangeiro.

Parece não se confirmar a hipótese que admitia a fractura de menisco do futebolista beiramarense Fernando, lesionado em Vila Real. O voluntarioso jogador, que apresenta rotura do ligamento lateral do joelho direito, continua em observação e impossibilitado de dar o seu concurso à equipa.

Na partida particular disputada em S. João da Madeira no último domingo, a Sanjoanense empatou (1-1) com o Futebol Clube do Porto.

Na segunda-feira, no programa das Festas de S. Sebastião, em Anadia, efectuou-se um encontro amigável de futebol, entre o Anadia e o Feirense, que empataram a quatro golos.

O treinador Francisco Reboredo, que esteve ao serviço do Beira-Mar, no início da época, e que mais tarde se noticiou ingressar na Sanjoanense, assumiu agora a orientação dos futebolistas do Sporting de Espinho.

Ano XI • N.º 534
30 de Janeiro de 1965
AVENÇA